



# A CIDADE MULHER

Alvaro Moreyra

Com o título *A cidade mulher*, Alvaro Moreyra produziu uma obra muito especial que nos revela verdadeiros cantos de amor às pessoas e à natureza em suas várias formas.

Autor de prosa musical, Alvaro Moreyra é o cronista que tudo contempla como se fosse pela primeira vez, atento às imagens do mundo e transformando o que observa em histórias transbordantes de otimismo e sinceridade — desde pequenas cenas de rua, frases ditas ao acaso por transeuntes anônimos e tantas outras observações.

Rio de Janeiro, cidade poética onde se respira o prazer da vida provocadora de fascínio e que, misteriosa, pede para ser desvendada. *Cidade mulher*, a que “tem um resto de sonho nos olhos, o vôo de um desejo alegre nas mãos, a mais mulher das mulheres...”, cenário onde se desenrolam as crônicas, mostra em seu contínuo caminhar uma beleza renovadora, nunca monótona nem passiva diante do fluir da vida que, para o cronista, é o bem supremo.

Crônicas tocantes como a que narra a chegada da primavera, cobrindo com um luar mais belo a terra carioca, naquele tempo enfeitada de rosas e mais rosas...

Alvaro Moreyra não esquece de destacar os que passaram, famosos ou não, deixando nele impressões que deseja dividir com seus leitores — o distante padre Rick; escritores como João do Rio, “filho enamorado destas ruas, destas paisagens”; Mário Pederneiros, “doce e caricioso”; Benjamim Costallat, que contou “histórias tão verdadeiras que parecem inventadas” e outros que nos comoveram.

Paisagens e sentimentos — em tudo existe um sorriso, por vezes acompanhado de certo humor. Alvaro Moreyra dá relevo estético às palavras que se unem em frases límpidas, sintéticas.

Mais uma vez, a Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, através de seu Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, é responsável pelo reencontro com outro admirável autor.

Rosemary de Siqueira Ramos



BIBLIOTECA CARIOCA

# A CIDADE MULHER

**Alvaro Moreyra**



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro  
Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes  
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural  
Divisão de Editoração

Coleção BIBLIOTECA CARIOCA  
Volume 19

Organizador  
Afonso Carlos Marques dos Santos

Direitos desta edição reservados ao Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes.  
Proibida a reprodução, total ou parcial, e por qualquer meio, sem expressa autorização.  
Impresso no Brasil — *Printed in Brazil*  
ISBN 85-85096-23-3

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Documentação e Biblioteca do CT/DGDI

---

M845c Moreyra, Alvaro, 1888-1964  
A cidade mulher / Alvaro Moreyra  
- Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1991.  
120p. - (Biblioteca Carioca, v.19)  
1. Crônica brasileira. I. Título.  
II. Série.

CDD - B869.3  
CDU - 869.0(81)-3

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO  
Marcello Alencar

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, TURISMO E ESPORTES  
Carlos Eduardo Novaes

DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO CULTURAL  
Helena Corrêa Machado

DIVISÃO DE EDITORAÇÃO  
Paulo Roberto de Araújo Santos

#### CONSELHO EDITORIAL

*Presidente*  
Afonso Carlos Marques dos Santos

*Membros*  
Helena Corrêa Machado  
Paulo Roberto de Araújo Santos  
Sandra Horta Marques da Costa  
Samira Nahid Mesquita  
Mauricio de Almeida Abreu  
Maria Augusta F. Machado da Silva  
Evelyn Furquim Werneck Lima  
Eliana Rezende Furtado de Mendonça  
Maria Isabel de Matos Falcão

Edição e revisão de texto — Divisão de Editoração do CT/DGDI  
Ana Lucia Machado de Oliveira, Célia Almeida Cotrim,  
Diva Maria Dias Graciosa e Rosemary de Siqueira Ramos.

Capa e projeto gráfico da coleção  
Ivone Barros  
Diagramação e arte-final da capa  
Vera Camisão  
Da Assessoria de Comunicação Social/SMCT

1991

Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes  
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural  
Rua Afonso Cavalcanti, 455 sl.201  
Cidade Nova — Rio de Janeiro — CEP 20211 — Tel.: 273-9390

## SUMÁRIO

PREFÁCIO,	7
A CIDADE MULHER,	13
Diálogo rápido para começar,	14
Aqui está...,	15
Monólogo ingênuo,	16
Noturno,	18
Musa que foi e que será,	19
D. João VI no Brasil,	21
Tudo é novo sob o sol,	22
Pois dance agora,	23
Volta,	24
Aqueelas e estas,	25
Modas,	26
Avozinhas,	27
O inventor da melindrosa,	28
D. Pedro I,	30
Mulherzinha,	32
“Vila Ventura”,	33
Aristóteles,	34
Crepúsculo,	37
Santa Marcela,	38
Almofadas,	40
Os ascendentes,	41
A propósito da lei de imprensa,	42
Cuidado!...,	43
Idéia,	44
Mania aborrecida,	45
Desperdiçado,	46
A última carta,	47
Revistas,	48
O teatro e o amor,	49
Gaspar,	50
Mulheres,	52
O padre Rick e eu,	53
Nós e os outros,	54
Mário Pedernêiras,	56
Fim de palestra,	58
Discípulos,	59
Na íntegra,	60
Endomingados,	61
O modelo bem-amado,	62
O lucro,	63
<i>Petit-bleu</i> em letra miúda,	64
Literaturazinha,	65

Dante, 67  
Folhinha..., 68  
O jornal, 69  
Pregões, 70  
Diálogo inútil, 71  
João do Rio, 73  
Horas mortas, 74  
Boa tarde, 75  
Inspiração, 76  
À beira-mar, 77  
O caso trágico do chapéu, 79  
Um que chegou de viagem, 80  
Santos de junho, 81  
Resignação, 82  
*Cousas do tempo*, 83  
A última verdade, 84  
Visita, 86  
*La tendresse*, 87  
A inolvidável lição, 88  
O parente mais velho, 89  
Simpático, 90  
Pequenas constatações, 91  
De volta de um espetáculo, 95  
Olegário Mariano, 96  
Sina!, 98  
Antônio Ferro, 99  
Falsificações, 100  
Que beleza! 101  
Transeunte, 102  
Em agosto de 1921, 103  
Castro Alves, 104  
Legendas para caricaturas, 105  
Fecho de inverno (1921), 106  
Primavera, 107  
Benjamim Costallat, 108  
Dança ao sol, 109  
A palmeira, 110  
Ribeiro Couto, 111  
Maneiras más, 112  
Contra a literatura chamada imoral, 113  
Festas de antigamente, 114  
Nas últimas horas, 115  
Diálogo rápido para acabar, 117

BIBLIOGRAFIA, 118

ALVARO MOREYRA E AS BRINCADEIRAS LABIRÍNTICAS  
OU  
DIÁLOGOS COM UM SANTO DESEMPREGADO  
OU  
DA NECESSIDADE DE SACUDIR, SACUDIR, PARA USAR  
AMPOLAS DE INJEÇÃO DE BISMUTO

Não tenham mais medo. Já podem dizer todo o bem que sabem de mim.  
(Um dos *Projetos de inscrição para o meu túmulo*)<sup>1</sup>

Ler a obra de Alvaro Moreyra como quem entra num labirinto. Pelo prazer da busca às cegas, sem repetir, de saída, o que alguns já concluíram às pressas sobre ele. A quem servir possa: primeira advertência! Afastar-se das falsas pistas (portas sempre largas e atraentes), caminhar com cautela e descobrir, pacientemente, métodos de desembaraçar e compor os infinitos roteiros, em forma de *puzzles*, que ele nos legou... — Podes formar uma estrela, uma casa, uma mulher... Quanta coisa tu podes formular com esses pedacinhos coloridos. Mas, não tens paciência. Queres acertar depressa. Misturas tudo. Erras. Erras. Erras... Devagar, menino. Imagina quando fores grande, se fizeres o mesmo com as horas da tua vida. Foi assim que eu comecei.<sup>2</sup>

A apresentação deste texto em parágrafos independentes, onde tudo se mistura e se liga, sutilmente, aos parágrafos anteriores, é homenagem nossa aos dois livros de lembranças de Alvaro Moreyra: *As amargas, não...* e *Havia uma oliveira no jardim*, onde adotou o mesmo esquema. Valem, para o leitor, como cartão de visita da obra labiríntica em que começa a entrar. Movediça, atenção! cheia de paradoxos e repleta de um humor e de uma ironia que poderão surpreender... As paredes do labirinto são espelhos deformantes de parque de diversão, onde o humor do que vemos (nós mesmos? a cidade?) é o que mais atrai. Preocupação constante em Alvaro de fazer crer (grande enganador!) que levava este mundo a sério, respeitosamente, quando, de fato, gargalhava discreto, para dentro, da cidade do Rio de Janeiro, do carioca e do Brasil como um todo. Por amor. — Eu também criei um mundo. E vi, também, que era bom.<sup>3</sup> Não há dúvidas. Leiam, agora, o “Diálogo rápido para acabar” que Alvaro colocou no final de *A cidade mulher*: — Você não leva nada a sério. — Levo a sério muitas coisas, meu amigo... Quais? Diga lá. — Todas as que o senhor reúne nesta pobre palavra: *nada*. São muitas, acredite...

Seus dois livros de lembranças fogem à forma de diário e surgem como recordações fragmentadas, seus muitos “nadas” revisitadas. Alvaro teve tempo, como reconheceu, de “passar a limpo” seus borrões e “estilizar” longamente (as expressões são dele) os fatos vividos, os

homens, o mundo. — (...) os homens são sempre os mesmos. A terra é sempre a mesma. Não te escandalizes por isso. Já Leopoldo, o bem-amado, dizia ao padre Francisco, seu irmão: — Só houve um escândalo no mundo: foi a criação do mundo...<sup>4</sup>

“O que é preciso é não complicar o que é tão simples”<sup>5</sup>, tamanha simplicidade consistindo em manter, na recriação do mundo, apenas as imagens “bonitas” e as vozes “agradáveis”. Segunda advertência! Desconfiar dessa não complexidade... A obra de Alvaro é, ao contrário, uma mistura proposital de alegrias e dores cruéis, por mais que ele negue: — Eu sou de tal maneira feito para a alegria, que as dores mais cruéis quando chegam junto de mim, logo se esquecem do destino que as trouxera e entram sorrindo, boas e quietas, no meu coração.<sup>6</sup> Roteiro mais seguro para conhecê-lo, surge mesmo quando fala: — Eu me pareço mesmo é com essas ampolas de injeção de bismuto. Tenho em mim as coisas necessárias. Mas preciso de ser sacudido, sacudido, para que todas se misturem e, então, eu possa ser usado utilmente. A vida tem me sacudido bem...<sup>7</sup> Ou ainda: — Viver é misturar. A vida é um *cock-tail*.

*A cidade mulher* foi um dos primeiros livros de crônicas que Alvaro Moreyra escreveu. Antes deste, *Um sorriso para tudo* e *O outro lado da vida*. Depois, vários outros (ver bibliografia ao final deste volume). Sacudir. Sacudir. Vivia-se em 1923, quando o livro foi publicado, fase adiantada daquele movimento de modernização de que fala Regina Zilberman em seu estudo sobre Alvaro: “A literatura brasileira vai aos poucos se orientando para caminhos até então desconhecidos, que acabam por desembocar na instalação paulatina, mas irreversível, de uma estética moderna”<sup>8</sup>. “Em contato com o meio jornalístico”, Alvaro “torna-se mais fluente e coloquial e incorpora (...) o humor”, perdendo seu léxico “a afetação inicial”<sup>10</sup>. De qualquer forma, é nas revistas como *Fon-Fon* (fundada em 1907 pelos simbolistas Gonzaga Duque, Lima Campos e Mário Pederneiras), *Seleta*, *Ilustração Brasileira* e *Para Todos...* que Alvaro passa a adotar e desenvolver, de forma personalíssima, o gênero crônica. — A crônica deixou de ser uma coisa grande, à beira da história. Ficou sendo uma conversa rápida, como no telefone. (...) Tornou-se mais direta. É uma comunicação com um pouco de poesia e um pouco de graça. Em traje de esporte.<sup>11</sup>

Conversas rápidas, às vezes rapidíssimas. Como as duas que abrem e fecham *A cidade mulher*: “Diálogo rápido para começar” e “Diálogo rápido para acabar”. Examinemos a primeira. Duas vozes de 1923 se enfrentam: “Mulher? Por quê? Não compreendo. — Por isso mesmo...” Terceira advertência! O leitor nunca deve acreditar que o texto, sintético, teatral, acabe mesmo por aí... Uma vez criado em jornal, revista, livro ou peça de teatro, numa determinada época (como vai acontecer com várias crônicas deste livro e de outros), Alvaro Moreyra poderá retornar ao mesmo texto a qualquer momento, às vezes anos depois... adotando, para

o retorno, se preferir, outros gêneros, outras técnicas, outras linguagens. Não há como falar em escolas literárias (simbolistas, penumbristas, futuristas ou modernistas) ou gêneros estanques quando se pensa em Alvaro. Um dos prazeres desses antigos criadores de labirintos... A pequena crônica em questão ressurgirá 32 anos depois, em *O dia nos olhos*. Agora com título, “Incompreensão”<sup>12</sup>, e alguns pequenos acréscimos. — O senhor chamou a essa cidade: cidade mulher. Mulher? Por quê? não compreendo. — Por isso mesmo... A essência da incompreensão de 1923 permaneceu inteira em 1955 e assim nos chegou em 1992. Alguma coisa mudou? Certamente para pior. Se em 1923 e 1955 Alvaro era conhecido por todos. Se todos o amavam. Se todos liam sua obra. Hoje, o que poderemos dizer?

Feitas essas primeiras advertências gerais, o leitor encontrará sozinho sua maneira de ler Alvaro Moreyra e este livro em especial. Minha intenção é, apenas, esboçar roteiros possíveis desses eternos retornos de Alvaro a seus próprios textos. Espaços contínuos do labirinto. Sensações já vistas. — Eternidade! Os discos não tocavam como antes. Veio um técnico: — É a agulha. — Que é que tem? — Precisa ser mudada. — Mas disseram que essa agulha era eterna. — E o senhor acredita em eternidade?<sup>13</sup> Bem. Uma das crônicas de *A cidade mulher*, “Aqui está”, reaparece com mudanças, mais um exemplo, em *Flavia uma oliveira no jardim*, mostrando ao leitor de hoje o que envelheceu e vem se perdendo na terra carioca, apesar de seu permanente rejuvenescimento, como pretende Alvaro: “A Cidade Maravilhosa tem o tempo de vida contado às avessas...”<sup>14</sup> Os dois textos, publicados com 35 anos de diferença, são exatamente iguais até o instante em que a Cidade Mulher passa a adivinhar as coisas do futuro. Alvaro, em 1923, fala em “coisas deliciosas do futuro”. Em 1958, já omite o “deliciosas”. Comparem os dois textos e deduzam. Na atualidade, a Cidade Mulher “enumera todos os costureiros, cabeleireiros, chapeleiros (...), diz de cor a biografia de todos os artistas de cinema, adora *foot-ball* e corridas de cavalos, conversa em francês, inglês, italiano, espanhol, toma *whisky*, come *strogonoff*, dança tudo. É a *girl* do grande *show*...”. O que se perdeu de um texto a outro: na cidade do Rio de Janeiro já não se toma chá nem se amam os poetas...

Alvaro Moreyra e o Teatro Brasileiro estiveram sempre próximos. O tema dos pregões, outro exemplo de seus eternos retornos labirínticos, será desenvolvido em vários de seus livros e também numa peça para teatro de revistas que escreveu em 1926; ou seja, os pregões viram crônica em *A cidade mulher*, em *Tempo perdido*, que é de 1936, e em *O dia nos olhos*, de 1955. Em *Noé e os outros*, revista, em dois atos, para a Companhia Ra-Ta-Plan, “Tranqüila” tenta acalmar “Nervoso”, um personagem que não consegue viver mais numa cidade assim, “cheia dos barulhos que transformaram o Rio numa espécie de jogo com o Vasco”.<sup>15</sup> Diz Tranqüila: — Por que não procura o detalhe? No meio da confusão

que o atordoia, andam harmonias espalhadas... Aposto que nunca ouviu os pregões cariocas. Alguns são lindos. Ouça-os". Em seguida, ao espectador da década de 20 eram cantados esses mesmos pregões que aparecem em *A cidade mulher*. Em *Tempo perdido*, Alvaro não só retoma o tema como apresenta, num "Apêndice", as valiosas pautas musicais que "dão uma idéia aproximada da melodia de alguns pregões cariocas."<sup>16</sup> Obsessivamente, como se quisesse permanentemente falar do assunto para que não o esquecessem, volta a ele em *O dia nos olhos*. Curiosamente, no ano da morte de Alvaro Moreyra, 1964, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade incluíram, na coletânea *Rio de Janeiro em prosa e verso*<sup>17</sup>, a crônica dele "Pregões musicavam a rua". Em tempo: em 1958, ganhou o prêmio de melhor disco de poesia, gravando "Pregões do Rio de Janeiro".

O *Circo* é uma homenagem modernista a Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, a quem o livro de poemas é oferecido. Em contrapartida é a ele e à mulher dele que Oswald vai dedicar sua peça *O rei da vela*: — A Alvaro Moreyra e Eugênia Alvaro Moreyra, na dura criação de um enfeitado — o teatro nacional, O. A.<sup>18</sup> Esta aproximação Alvaro-Oswald é importante que se faça neste ano das comemorações dos setenta anos da Semana de Arte Moderna, na medida em que traz de volta à memória de todos o nome de Alvaro, este pioneiro das encenações modernas entre nós. — Vocação: o padre José de Anchieta disse uma vez e repetiu: — Cada um deve seguir a sua vocação, custe o que custe.—/ É porque ele nunca imaginou o preço exagerado a que isso ia chegar./ Não pude seguir a minha vocação de ator./ Foi pena./ Não consegui um teatro./ Fiquei mesmo no circo...<sup>19</sup> Refere-se, certamente, ao Teatro de Brinquedo, em que tentou mostrar sua nova forma de fazer teatro, infelizmente destruída e impedida pelo poder teatral da época. O Teatro de Brinquedo no entanto, conforme confessou anos mais tarde, ficou sendo sua única vaidade...<sup>20</sup> De fundamental para nós, pesquisadores na área teatral, será agora localizar a produção teórica e dramática de Alvaro Moreyra relativa ao Teatro Sem Nome. Quando começou a 2.<sup>a</sup> dentição da Revista de Antropofagia, com Oswald e Mário de Andrade já brigados, Alvaro concedeu uma longa entrevista: — O movimento concebido por Oswald de Andrade, literariamente, é um movimento duplo. A fusão espontânea do inteiramente novo e do inteiramente nacional. O Teatro Sem Nome é uma fase da antropofagia. A primeira. Virá depois o Teatro Pau-Brasil. Da reunião de ambos nascerá o Teatro Antropofágico. Sem se querer.<sup>21</sup>

*Adão, Eva e outros membros da família...* foi a peça de Alvaro que inaugurou o Teatro de Brinquedo em 10 de novembro de 1927. Na Sala Renascença do Cassino Beira-Mar, ali no Passeio Público. Nela, o personagem "Escritor" faz suas as intenções e resistências do autor da peça: — Teatro é negócio. Precisa de lucros. Para que arruinar os empresários? Eu queria um teatro que fizesse sorrir, mas que fizesse

pensar... Um teatro com reticências... O último ato não seria o último ato... Continuará na sensibilidade e na inteligência dos espectadores...<sup>22</sup> Nós também chegamos ao último ato: — Por quê? — Por quê... — (gritando) Por quê? — (baixinho) Mistério... O amor... o velho amor que recomeça sempre como o mar... “*La mer, la mer toujours recommencée*”... É de Paul Valéry!... O sr. não conhece... (Saindo) Vamos ao *bacarat*... (Sai)<sup>23</sup>. A peça termina assim: (enquanto a cortina se fecha, bem lentamente) — Era... uma vez... e... entrou por uma porta... saiu pela outra... acabou-se a história...

E  
ACABOU-SE  
MESMO?

Walder Virgolino  
Professor de Literatura Dramática da Faculdade da Cidade.  
Mestrando em Literatura Comparada/UFRJ.

## NOTAS

1. MOREYRA, Alvaro. *As amargas, não...* Rio de Janeiro, Editora Lux, 1955, p. 301.
2. \_\_\_\_\_. *Puzzles*, citado por LEÃO, Múcio. Resposta do sr. Múcio Leão [ao discurso de posse do sr. Alvaro Moreyra (cadeira número 21) na Academia Brasileira de Letras, em 23 de novembro de 1959] In: *Discursos Acadêmicos* (1956-1961). Rio de Janeiro, ABL, p. 189. t. V, v. XV e XVI.
3. \_\_\_\_\_. *As amargas, não...* p. 19.
4. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. p. 331.
5. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. p. 34.
6. \_\_\_\_\_. *Cocaína...* Rio de Janeiro, Pimenta de Melo & C. Editores, 1924, p. 51-2. Citado por ZILBERMAN, Regina. *Alvaro Moreyra*. Porto Alegre, IEL, 1986. p. [6].
7. \_\_\_\_\_. *As amargas, não...* p. 33.
8. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. p. 15.
9. ZILBERMAN, R. *Alvaro Moreyra*. p. 12.
10. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. p. 13.
11. MOREYRA, Alvaro. *Havia uma oliveira no jardim*. Rio de Janeiro, Jotapê, Livreiro, Editor, 1958. p. 127-8.

12. \_\_\_\_\_. *O dia nos olhos*. Rio de Janeiro, Editora Lux, p. 198.
13. \_\_\_\_\_. *Havia uma oliveira no jardim*. p. 152.
14. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. p. 73.
15. \_\_\_\_\_. *Noé e os outros*. Esta peça nunca foi publicada, tendo sido localizada nos Arquivos da Censura Policial do Rio de Janeiro. Carimbada pela Polícia do Distrito Federal — Censura Teatral — em 3 de janeiro de 1927.
16. \_\_\_\_\_. *Tempo perdida*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936. A crônica está na página 152; o Apêndice, p. 230.
17. \_\_\_\_\_. Pregões musicavam a rua. In: BANDEIRA, M. & ANDRADE C. D. de (Org.). *Rio de Janeiro em prosa e verso*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964. p. 201-3.
18. ANDRADE, Oswald de. *O rei da vela*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967. p. [5].
19. MOREYRA, Alvaro. Vocação. In: *O circo*. Porto Alegre, IEL, 1989. p. 1.
20. \_\_\_\_\_. *Havia uma oliveira no jardim*. p. 144.
21. \_\_\_\_\_. A propósito do Teatro Sem Nome. *Revista de Antropofagia*. nº 5. 2ª denteição. 14 abr. 1929.
22. \_\_\_\_\_. *Adão, Eva e outros membros da família...* Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, 1973. 2º Ato, p. 15.
23. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 3º Ato, p. 35.

DE NOS BEAUX SUJETS  
DE LIVRES FAISONS DES  
JOLIS CHAPITRES...\*

Jean Dolent

---

*\* De nossos belos temas de livros  
façamos capítulos agradáveis...  
(N. do E.)*

— Mulher? Por quê? Não compreendo.

— Por isso mesmo...

## AQUI ESTÁ

A terra carioca tem o tempo da vida contado às avessas. Os anos vão passando, ela vai ficando mais nova. Quem a procura, na lembrança dos dias coloniais, encontra uma velhinha tristonha, de nome cristão e vista fatigada, em frente ao mar... Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Durante a permanência de d. João VI, a velhinha desaparece. E lá está, entre os uivos da rainha doida e os primeiros lampiões urbanos, uma grave matrona, vestida sem gosto nenhum... Com d. Pedro I, ei-la chegada ao outono, já bem-posta, aparecendo nas igrejas, nos salões, no teatro... A Regência deixa-a na mesma idade. Pelo meio do Segundo Império, ela rejuvenesce escandalosamente... Quando se proclamou a República, andava a terra carioca nos seus vinte anos... De então para hoje, ficou assim... Menina e moça, pouco a pouco se desembarçou, perdeu o ar acanhado, quis viver... O corpo tomou o ritmo das ondas, a graça das árvores esguias. Tem um resto de sonho nos olhos, o vôo de um desejo alegre nas mãos... Mulher bem mulher, a mais mulher das mulheres... Conhece o presente. Adivinha coisas deliciosas do futuro. Mas, não lhe falem em datas, épocas, feitos, criaturas do passado... Não lhe falem, que se atrapalha. Em compensação, enumera todos os costureiros e chapeleiros de Paris... diz de cor a biografia de todos os artistas de cinema... entende de *sports* como ninguém entende... Conversa em francês, inglês, italiano, espanhol... Ama os poetas... Toma chá, com furor... E dança tudo... É linda!...

## MONÓLOGO INGÊNUO

— Bondes apinhados rangem nos trilhos. Rodam automóveis pelo asfalto. Gente vai andando. Na gente e nos veículos, vejo a mesma indiferença exausta. É o fim de um dia, de mais um dia... Chamam a isto: viver...

Supondo um *meeting*\*, a multidão parou em torno do homem.

E o homem continuou a falar:

— Toda a gente leva jornais. As últimas notícias consolarão, rumo de casa, a fadiga e o aborrecimento... Quando me lembro de que já lutei contra o analfabetismo!... Não saber ler é, talvez, um bem. Existe, decerto, uma virtude feliz na incapacidade de absorver de livros, revistas e folhas diárias a esparramada tolice. Os mestres melhores ainda se acham nos sentidos que Deus nos deu, estes cinco sentidos, dos quais somos donos por uns anos, e nos outros, que ignoramos e possuímos sem a sensação da propriedade... Em toda a natureza, na vida toda, há um ensinamento mais profundo do que nas páginas impressas. Fosse eu contar o que descobri nas ondas, e em certas noites cheias de estrelas, e no vôo dos pássaros, e na voz do vento... Quisesse eu repetir o que têm me revelado os olhos dos burros, o sorriso das crianças, as rosas, o caminhar das mulheres... Para quê? Exclamariam, num acordo contente, que enlouqueci... Pudera! Seria tudo tão diverso dos romances trágicos, das narrativas de crimes e desastres, dos ataques aos poderosos, das informações, discussões, confusões e demais catástrofes de leitura tão procurada, tão exigida... Ah! se desconhecêssemos as letras que compõem as palavras, quantos enfados evitaríamos! As coisas ruins que lemos vão se acumulando sobre nós, encobrindo a nossa primitiva, natural sensibilidade, metendo entre a nossa inteligência e as límpidas imagens exteriores uma parede pesada de pessimismo... Começamos, então, a espalhar boatos terríveis. Ficamos maus. Ficamos tristes. Dia em que não aconteça uma desventura ao próximo é dia perdido... Espectadores de misérias, só as misérias nos preocupam... Entretanto, junto das nossas figuras transitórias, passam, e não nas vemos, as divinas formas da graça e da alegria... Admirar, eis o que devíamos aprender. E devíamos aprender, também, que, debaixo do céu, pelo universo imenso, um único pensamento envolve tudo numa harmonia mara-

---

\* Encontro, reunião. (N. do E.)

*Monólogo ingênuo*

vilhosa... Precisamos de ar puro, de movimentos livres... Qual dos senhores percebeu já, na sua realidade espiritual, o prazer da vida? Quem aspirou, antes da manhã, o cheiro casto da terra? A música das montanhas, quem já a ouviu? No tronco de uma velha árvore, como num corpo amado, poisaram as mãos, alguma vez, longo tempo, muito tempo? Sentiram, bem sentida, a delícia do gosto? Qual dos senhores olhou, numa hora de silêncio, para o sol? Mas... volto a mim agora. Peço-lhes que não tomem a sério estas minhas divagações... Sigam os seus caminhos... Façam o que se acostumaram a fazer... Tudo é verdade neste mundo. Um dia, são Francisco de Assis...

À medida que o homem falava, a multidão diminuía. Desapareceu, afinal, completamente desapontada porque, na falta de *meeting*, estivera a esperar em vão que ele oferecesse à venda qualquer objeto interessante.

O homem prosseguiu no seu monólogo ingênuo, enquanto a tarde se sumia dentro da noite.

Calou-se depois. Acendeu um cigarro. Pôs-se a rir, devagar, com ternura.

Parecia um doido. Parecia um santo. E era apenas um homem de bom humor, que se divertia um pouco...

## NOTURNO

Depois que os teatros se fecham e os últimos transeuntes desaparecem do ponto dos bondes na cidade, é principalmente na rua do Passeio que a vida continua as suas horas sem descanso. Diante do jardim fechado, esplendem os *clubs*, de onde caem, sobre o asfalto quieto, sons de tangos e *fox-trots*, balbúrdias de taças e gargalhadas. De instante a instante, ao lado de cavalheiros mais ou menos graves, umas figuras surgem, loiras, rubras, morenas. Aproximam-se logo três ou quatro *taxis* apressados. E lá se vão... O porteiro de uma das casas noturnas têm quarenta anos e nove filhos. Às duas horas, está fatigado. Estira os braços. Boceja imensamente. O guarda-civil passa, pára. Desandam os dois a trocar idéias. O guarda-civil é literário. O porteiro é recreativo. Um recita. O outro assobia. Para a autoridade “não há como Castro Alves”. Para o guardião do prazer alheio, só existe o choro, o nosso choro, bem chorado...

De repente, uma aglomeração, um rolo, à esquina da rua das Marrecas. O policial atira-se para “o lugar do conflito”. Quando não consegue terminar o caso às boas, conduz “os perturbadores da ordem” até à delegacia. Volta em seguida. O porteiro ressona.

Pela madrugada, as salas se esvaziam. Os primeiros rumores do dia começam.

Só, com um derradeiro aceno inútil, ficou esquecido em frente ao mar, o vulto feio e triste de uma rapariga, dessas que não entram nos *clubs* e para quem aquela noite não foi feliz...

## MUSA QUE FOI E QUE SERÁ

Sumiram-se outra vez os vestidos curtos. Podem sossegar os moralistas deste século. Os vestidos curtos estão fora da moda, hoje, como já estiveram durante cento e muitos anos. Porque, em 1773, era elegante usar as saias à altura dos joelhos, e os decotes, que tanto escandalizaram e tanto embeveceram nos últimos anos, já naquela época, e aqui mesmo, andaram em voga. É o que narra antigo cronista, J. M. Velho da Silva, ao fim da página 11 da primeira edição do seu romance *Gabriela*, mal escrito e atraentíssimo:

Quem passasse no dia 5 de dezembro de 1773 pela rua dos Ourives, desde o Parto até a ladeira da Conceição e adjacências, maravilhava-se de ver o povo que por aí se enovelava; a multidão era compacta, velhos de calções e rabichos, velhas de mantilhas, e outras mais faceiras com suas toucas de filó e rendas, ornadas de fitas, moças com seus cabelos altos amarrados no cocuruto da cabeça e presos com pentes de tartaruga guarnecidos de topázios, trajando vestidos curtos e de cinturas ainda mais curtas, que circulavam o intervalo da quarta à quinta costelas, logo abaixo dos seios, e os corpinhos notavelmente decotados.

Os pentes de tartaruga também ressurgiram, com algumas modificações. Todas as histórias se repetem. O eterno retorno é uma verdade muito mais verdadeira do que a imaginou Nietzsche...

Os vestidos atuais, se diferentes vantagens não trouxessem, como trazem às fábricas de tecidos e aos bons costumes, ficariam benquistos e bem lembrados pelas pessoas que se interessam pela jovem literatura brasileira. Não há quem ignore o papel exercido pelo pé feminino na poesia das diversas línguas, sobretudo na poesia de Portugal e na de cá. Aconteceu que, já de longa data, o pé deixara de ser um mistério, perdendo, portanto, de estação em estação, o seu prestígio de musa. Os autores levantaram os olhos: viram o céu que pertence a todos... Voltou, então, a paz dos dias remotos. Uma sensibilidade ancestral envolveu as páginas dos livros. De novo a natureza renasceu divina, e as formas humanas, irmanadas às outras formas, cessaram de ser individuais e patrícias... Isso não agradou aos futuros membros da Academia, entrados agora no delírio da publicidade. Reunidos em assembléia geral, decidiram, por maioria de votos, protestar contra as delicadezas da vida interior.

— Vida interior é o sertão, clamou um deles, sem rival nos trocadilhos.

Foi o grito de guerra. Veio daí a reação literária, cujo programa é cantar o sertão, a gente que planta e cria, e os bois, o abacate, os passarinhos, as eleições, etc., etc., etc., só assuntos nacionais, coisas nossas apenas. Ai dos habitantes do litoral, artificiais, imitadores. A ameaça pairava terrível.

Apareceram, entretanto, os figurinos modernos. O pé, quase escondido, em breve se esconderá por completo, e alucinará... Poemas brotarão, entoando-lhe louvores. E contos, novelas, romances hão de girar em derredor... As tradições têm muita força... O sublime é parente do caniço da fábula: — verga, não quebra; quando menos se espera, ele se levanta, ufano...

Eis a razão maior de eu admirar os vestidos compridos.

E admiro-os por serem novos. A minha educação sentimental, tão atrasada ainda, começou no tempo da saia *entravée*\*. Pertencço a uma geração antes da geração do tango... Mas, graças à boa fada que abençoou o berço onde sorri o primeiro sorriso, espero não envelhecer até ao dia de me ir embora... Guardo, sempre encantada, a mesma ingenuidade. Se algum desdém acorda em mim, às vezes, não passa de atitude, hábito trazido no sangue, herança de qualquer antepassado sobranceiro... Não poderia, com sinceridade, escarnecer de uma época que me diverte. A ingratidão faz parte das qualidades que não possuo. Vejo as coisas e os entes num clarão de otimismo. Se levo a cabeça mais para cima do que para baixo, a culpa é do professor que me ensinou ginástica... Acho úteis, aliás, várias posições de cabeças na humanidade; umas enxergam de um jeito, outras de outro, todas se ajudam entre si. Quanto devo eu, por exemplo, aos poetas que cantaram pés! Quanto deverei aos que os cantarão!

Caiam bênçãos sobre a moda. Feita de beleza ou feita de extravagância, ela torna pitorescos os espectáculos terrestres. Empresária de surpresas, por ela a monotonia dos enredos mortais deixou de aborrecer...

---

\* Saia muito apertada na parte de baixo. (N. do E.)

## D. JOÃO VI NO BRASIL

A vinda de d. João VI para o Brasil retardou ou apressou a nossa Independência?

Eis uma pergunta que tem tido respostas bem diferentes...

Fico entre todas. Adiasse ou precipitasse, o melhor é abençoar a fúria de Napoleão... Se o terrível general não houvesse mandado tropas contra Lisboa, não ganharíamos, como ganhamos, a elegância de uma Corte... deixaríamos de ser, como fomos, um Reino... não possuiríamos, como possuímos, dois imperadores interessantes... A Colônia, derramando sangue, ficaria República... Muito rápida transformação. Bom foi acontecer tal qual aconteceu. Os fidalgos que acompanharam o filho triste de dona Maria, esposo infeliz de dona Carlota Joaquina, trouxeram, apesar do desprezo com que nos olhavam, ou por isso mesmo, um divertimento agradável à cidade lúgubre daquele tempo. Demais, d. João VI, com a "astúcia saloia", que lhe descobriu Oliveira Martins, não quis que a sua estadia aqui parecesse apenas um refúgio. As exigências materiais e intelectuais de uma capital régia mereceram dele antecipados cuidados, e cumpriu-os na medida do entendimento dos seus ministros. Uma vida nova sorriu nestas paisagens.

Bastante de bom e de útil forneceu dom João VI ao Brasil. Amemos esse homem do passado que amou a nossa terra e a nossa gente com o possível amor do seu coração espavorido e do seu espírito um pouco sem claridade.

## TUDO É NOVO SOB O SOL

Serenamente, Arlequim acabou a pequena xícara de café. Pediu a conta. Pôs-se a pensar que o pobre Eclesiastes não tinha razão... Tudo é novo sob o sol... Lá fora chovia. Arlequim olhava a gente que ia e vinha, contente, debaixo da água amável com que o céu de verão borri-fava as ruas... Sentia-se feliz. Acendeu um cigarro, e a primeira fumaça foi uma delícia longa, que se sumiu no ar, e que ele acompanhou como se visse que lá ia, naquela nuvem meio cinzenta e meio azul, um pouco do seu próprio destino bem-aventurado... Lembrou-se de coisas tidas e perdidas. Um instante, em imaginação, vestiu o antigo traje simbólico, feito de vários pedaços de todas as cores... E logo o espelho ao lado da mesa mostrou-o dentro do terno de *palm beach*\*, em pleno século XX, depois da grande guerra na Europa e do centenário da Independência no Brasil... Treze mil e duzentos o almoço... A vida está cada vez mais interessante... Arlequim saiu para o asfalto a reluzir, refrescado. Caminhou. Parou diante das vitrinas. Continuou. Na Avenida, os cinemas retiniam. Jack Holt, Mary Miles Minter, Constance Talmadge, Shirley Mason... Paramount, Fox, Realart, First National. A França deu de presente o Petit Trianon da Exposição à nossa Academia de Letras... — Boa tarde! — Oh! — Que belas porcelanas de Copenhague! — E as sedas que chegaram de Paris!... Parou a chuva. Sol. Mulheres, automóveis. Uma exposição de quadros. Bondes, carros de mão, muitos rapazes. — Você já leu a *Paulicéia desvairada*, de Mário de Andrade? Arlequim pensou ainda que, na verdade, tudo é novo sob o sol... E estremeceu. Colombina vinha pela calçada; Colombina, de vestido leve em cima da carne branca; boneca do *Ba-ta-Clan* dançando a dança do lindo andar... Pobre Eclesiastes! Houve algum dia outra Colombina assim?... Os lança-perfumes sorriam, na clareza úmida, anunciando o Carnaval... Colombina passou por eles e eles sorriram mais...

— De onde vens, para onde vais?

— Venho da manicura e vou tomar um sorvete...

— Então, vamos...

— Então, vamos...

Pobre Eclesiastes!

Pobre Pierrot!...

---

\* Marca de tecido leve que combina fibras naturais e artificiais, próprio para trajes de verão. (N. do E.)

## POIS DANCE AGORA...

Arlequim nasceu em Atenas, quando o sol andava na adolescência e ainda não se publicavam jornais. Naquele tempo, havia uma graça feliz na vida. A Liga pela Moralidade era um gérmen perdido na grande natureza... Afrodita saiu sem roupa do mar e ninguém protestou. Ao contrário, foi até muito aplaudida. A sombra das oliveiras, acompanhando pelo céu sem nuvens o vôo alegre das cegonhas, Arlequim, meio nu, meio vestido, sorria... O sorriso de Arlequim fez o primeiro comentário, verdadeiramente filosófico, sobre o mundo e seus habitantes. O velho Sócrates aproveitou-o para inventar a ironia. O tempo caminhou. A Terra envelheceu. Mas Arlequim continuou igual. Só mudou de figurino. Ele assistiu aos vários espetáculos, mais ou menos interessantes, da chamada evolução humana... Cada época, das que vão surgindo e desaparecendo, supera a anterior; e a última, se acontecer que alguma dê em última, realizará a perfeição... Como será a perfeição? Quem sabe se ela já não existe junto de nós, sendo hoje, no nosso julgamento, imperfeitíssima?... Arlequim gosta de viver, embora tenha que ir, todos os anos, ao Baile dos Artistas... Esse baile reproduz o destino das pessoas infelizes: está sempre para melhorar... Arlequim, de casaca preta e *loup\**, percorreu, nas quatro noites contentes, os salões de dança. As cigarras seguiram o conselho daquela remota formiga: puseram-se todas a dançar...

— Então, eu sou cigarra?...

— Você tem sido tanta coisa, minha filha... Que lhe custa mais esta?...

---

\* Meia máscara de veludo ou de cetim. (N. do E.)

## VOLTA

As árvores estão cheias de folhas verdes. Mas, é o “inverno” já. Quando anoitece, uma névoa lenta envolve a cidade. As montanhas tomam aspectos de distância. As ruas se alongam, trêmulas. As lâmpadas têm olheiras. O luar é frio. E as eternas ondas, que embalam a terra carioca, vão murmurando ao vento cantigas de mar alto...

O “inverno” chegou. E trouxe com ele as criaturas que o verão levava para serras, campos e águas. Trouxe-as coradas, alegres. Agora, a Avenida, à tarde, é mais do que um prazer de olhos... A beleza das formas vivas dava ao velho e sutil Bergeret uma doçura cruel. Essa cruel doçura anda esparsa nos crepúsculos do nosso inverno, e deita nas almas que contemplam e se calam, o desejo sem esperança, o melhor dos desejos: o mais triste, mas o mais cómodo...

## AQUELAS E ESTAS

As mulheres de antes da guerra e as mulheres de depois da guerra, como são diferentes! Lembro-me tanto daquelas, feitas de silêncio e atitudes, tão nervosas, Deus do céu! Delas, os tipos definitivos, gênero mais ou menos *gigolette*\*, de olhos fundos, boca desgostosa, cabelos arrepiados, todos parecendo, pelo êxtase em que andavam, não corpos reais, mas sombras esquisitas do país dos mortos — todos passaram... Os que ainda existem têm já o encanto velho das coisas arquivadas. Hoje, a beleza é alegre, goza saúde, ri. As criaturas novas, acostumadas ao sol, aos movimentos livres, desprezam as alcovas cismarentas, querem rumor, luz, exaltação. Talvez as outras fossem mais decorativas. Estas, entretanto, trazem uma surpresa maior, agradam, divertem. Vivem para fora. Vivem em voz alta... As outras eram mulheres fatais. Estas são boas raparigas...

---

\* Mulher de má vida. (N. do E.)

## MODAS

As mulheres que vestem bem andam espavoridas em todo o mundo cristão. Os condutores das suas almas, responsáveis pela ventura eterna a que elas têm direito, não estão absolutamente de acordo com os vestidos modernos. E como, não se sabia por que, os maus modos proliferavam, aqueles senhores puseram a culpa sobre as modas más. Têm dito coisas alarmantes. Foi, primeiro, o papa Benedito XV. Em seguida, os representantes maiores do clero católico aqui. Depois, às vésperas de adormecer no Senhor, o cardeal Amette, em Paris. Depois o bispo protestante Wellen, deão de Durban, na Inglaterra. Depois... Seria escassa esta página para as citações... Basta mais uma, edificante, do país das castanholas, das touradas e outras delícias. Nas paredes externas da igreja das Mercês, em Huelva, afixaram este edital:

Prevenimos que os sacerdotes desta igreja se verão na dura necessidade de negar a sagrada comunhão e até de não consentir a permanência dentro do templo às senhoras que tragam blusas decotadas, transparentes ou de mangas curtas, e saias apertadas que as impeçam de ajoelhar com decoro.

Acertaram os religiosos de Espanha, condenando o vestuário indiscreto como o réu máximo da "dissolução dos costumes", tal e qual fizeram e fazem os religiosos das demais nações? Quem poderá afirmar? A verdade é que a insistência invectivadora não parece inútil. Costureiros afamados de Nova York não querem mais seguir os figurinos parisienses, e os árbitros da elegância, na capital francesa, resolveram procurar no tempo de Luís XIII, no século XVIII, na época do Diretório, em 1830, no Segundo Império, e até no Egito de Tutancâmon, a inspiração para novos e mais recatados modelos... -  
Que pena!

## AVOZINHAS...

Deixai que vos desperte um instante, avozinhas... Não como fostes, na despedida, de cabelos todos brancos, olhos fechados, com o cansaço do mundo na pele amarelecida, a sorrir o sorriso dos mortos que a gente não sabe se é de desdém pelo que abandonam ou de encanto pelo que vão ter... Deixai que vos desperte vivas, bem vivas, no tempo da juventude, quando havia procissões... Naquelas festas religiosas, sob o sol, estava a vossa grande alegria... Tal qual hoje, em dias de programa novo, as netas que vos recordam, sem saber que exististes, vêm à Avenida acompanhar os enredos das fitas cinematográficas, vós íeis, estreando vestidos, acompanhar os préstitos de São Sebastião, que era comendador; de Santo Antônio, que era sargento; e do Senhor dos Passos, do Corpo de Deus, do Triunfo... As bandas de música, os hinos sagrados, os foguetes delirantes punham no ar um alvoroço de felicidade... Vejo-vos, lá longe, avozinhas, nas velhas horas, garridas, em trajos à imitação dos que trouxera da sua Corte a senhora arquiduquesa Carolina Josefa Leopoldina, feita princesa real, mais tarde a primeira imperatriz do Brasil... “Fluminenses tafulas”, chamou-vos um cronista. Assim vos espreito do presente — bairro elegante... Assim vos encontro nos subúrbios do passado... Tinha havido, antes do vosso nascimento, o conto de fadas do século XVIII, em França... Paris já era a capital da moda... Vagamente, até os vossos ouvidos, chegavam as novidades da Europa... Alguns salões se abriam, além dos de São Cristóvão. Realizavam-se famosos espetáculos. Atitudes amáveis da civilização aparecem... Não só os fidalgos e os privilegiados põem movimento à tristeza das ruas, ao silêncio das casas. Começa a vida de sociedade. Trocam-se visitas demoradas. Enquanto as palestras dos idosos comentam casos da política e mortes de pessoas conhecidas, as raparigas e os rapazes, na melancolia da noite, amam...

Amando, as avozinhas aprenderam a vestir-se.  
Agora, minhas santas, é exatamente o contrário.

## O INVENTOR DA MELINDROSA

Tanagra, grande cidade, famosa por uma chusma de acontecimentos citados em livros da História, por nenhum deles é lembrada; nem porque junto das suas muralhas se travaram combates terríveis; nem porque serviu de cenário à estréia das rinhas de galos; nem porque pertencia à Beócia, pátria extinta e sempre viva... Não ficou esquecida ao jeito de tantas outras terras já vistas pelo sol, por haver, entre os deuses que a destruíram, um, mais inteligente, mais fino do que todos. Esse escondeu, sob os escombros, a beleza, a graça, a elegância das mulheres. As mulheres de Tanagra eternizaram Tanagra. Que importa o que ela foi, o que ela fez, o que ela teve, na realidade! Hoje, à nossa imaginação de criaturas afastadas, Tanagra aparece, deliciosamente, nas estatuetas que fixaram, dentro do tempo, os corpos das suas habitantes, de atitudes harmoniosas e sorrisos claros...

Ora, eu penso que o feminismo, como vai, acabará tomando conta do mundo. Um dia, decerto no começo do século seguinte, o Rio de Janeiro não possuirá mais a carioca: as raparigas das margens da Guanabara não se distinguirão das raparigas do resto do planeta: idênticas preocupações, atitudes iguais, o mesmo modo de vestir, gravidade, pessimismo... Moda será, então, uma palavra arcaica. Cinema, um passatempo instrutivo, com fitas científicas e edificantes. *Footing*\*; um exercício para a saúde. *Football*, outro, mas sem gritos e sem gestos na assistência. E ninguém saberá dançar...

Nesse dia, um curioso de coisas do passado encontrará, nas páginas de uma revista, as figuras de J. Carlos: encontrará a Melindrosa, que ele inventou e que constituiu o lindo modelo das nossas lindas contemporâneas. O milagre das terracotas de Tanagra se reproduzirá. O Rio de Janeiro de antigamente há de ressuscitar na expressão ingênua e irônica dos olhos que viram os primeiros aeroplanos, nas bocas talhadas à feição de beijos, no ritmo ondulante da carne, envolta em sedas leves, luminosas, fugidias... E o curioso sentirá saudade do velho tempo que não conheceu... Velho tempo! Bom tempo! E compreenderá o sentido das praias, povoando-as das imagens guardadas no traço sutil do artista. E verá, tal qual não vira antes, a luz das manhãs, a sombra dos crepúsculos, o luar das noites altas. Lenta, a maravilha despercebida se reve-

---

\* Caminhada. (N. do E.)

*O inventor da melindrosa*

lará. À cidade romântica, erma das suas transeuntes, voltará a fascinação abandonada...

Quantas vezes, diante de um quadro de Nattier, ou de Watteau, ou de Fragonard, paramos, a reconstituir, presentes, verdadeiros, Paris e Versailles, aqueles salões, aqueles jardins, a ventura daquela vida que a Revolução guilhotinou... O ente que olhar, daqui a cem anos, as obras primas de J. Carlos, poderá viver a vida que andamos vivendo... Reais ou pintadas, as mulheres conseguem tudo... Principalmente pintadas...

## D. PEDRO I

Aquele homem irrequieto, impulsivo, que, ao receber, na colina do Ipiranga, das mãos do sargento-mor de milícias Antônio Ramos Cordeiro e do oficial da secretaria do Supremo Tribunal Militar, Paulo Emílio Bregaro, as cartas escritas pela princesa dona Leopoldina e pelo ministro José Bonifácio, com os quatro decretos, malcriados e célebres, das cortes de Lisboa, arrancou da espada, num gesto largo e num grande grito, cortando a ligação do Reino de Portugal, Brasil e Algarves; aquele homem de alta estirpe, nascido em Portugal, educado por mestres e exemplos portugueses, cioso das nobres origens, aristocrata dos que mais o fossem, aparece, entretanto, aos olhos de quem lhe segue os passos durante a vida, como o tipo completo, integral, do brasileiro.

Nós somos assim como ele foi, nas suas qualidades e nos seus defeitos. O primeiro imperador fixou o modelo da raça. De uma atividade desenfreada, pouco difícil de transformar-se na mais deliciosa e prolongada inércia; ao mesmo tempo esperto e ingênuo; orgulhoso até à antipatia, e logo simples, humilde quase; dizendo desaforos pelo prazer de pedir desculpas; dissimulado às vezes; outras vezes de uma franqueza escandalosamente aberta; procurando parecer mau para mostrar que era forte; e, na verdade, compadecido, enternecido, comovido; amoroso de todas as mulheres e amando uma só; adivinhando pela inteligência o que os outros sabiam por estudarem; ajuizado e doido, livre e obediente, meio-termo de tudo... Aí está d. Pedro I... Aí estamos nós...

Eu, por exemplo, nunca pude cometer uma frase que me não lembrasse dele... Ele tinha, na contínua representação em que andou, o gosto, o vício das frases... Imortalizou-se a bradar, a murmurar, a escrever palavras rápidas... Quantas!... Tantas!...

A José Clemente Pereira, que lhe entregou a representação assinada pelos oito mil patriotas do dia 9 de janeiro de 1822, respondeu: — Como é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico.

Depois, a 7 de setembro, o desafio dramático, junto “das margens plácidas”...

Outras frases proferiu, desde então, menos notáveis do que as últimas, enquanto interpretou as cenas finais do seu papel de imperador constitucional e defensor perpétuo do Brasil. Quando, às oito horas da noite, de 6 de abril de 1831, três juizes de paz, em nome do

povo, reunido no campo de Santana, foram a São Cristóvão rogar a demissão do ministério da véspera e a volta do demitido, d. Pedro ouviu-os de mau humor, e retrucou-lhes: “— Tudo farei para o povo; nada pelo povo.”

A revolução cresceu. Os batalhões aderiram. A própria artilharia ligeira, chamada para defender o palácio, em seguida ao abandono da guarda permanente, obteve licença para retirar-se.

— Ide, balbuciou o imperador. Não quero sacrifício de pessoa alguma.

O major Frias surgiu aterrado. A multidão só acalmaria se sua majestade consentisse no retorno do ministério anterior.

— Não! Nunca! É contra a minha honra e contra a Constituição. Antes abdicar! Antes a morte!

Contudo, passados uns instantes, ordenou que procurassem o senador Vergueiro. Enquanto o procuravam, d. Pedro, nervoso, indagou de um criado:

— Não há mais um soldado no paço?

— Há poucos, mas fiéis e leais.

— Estes não são como muitos a quem enchi de benefícios e que estão agora no campo a apregoar-se de patriotas!

Não encontraram o senador Vergueiro. Serenou, de repente, o filho de dona Carlota Joaquina. Dirigiu-se ao gabinete, e de lá veio com um papel na mão. Deu-o ao major Frias, soluçando:

— Aqui tem a minha abdicação. Estimarei que sejam felizes. Eu me retiro para a Europa. Deixo um país que muito amei e amo ainda. Caiu o pano. A *rentrée*\* foi na Europa...

---

\* Nova aparição de um ator que esteve afastado algum tempo da cena. (N. do E.)

## MULHERZINHA

Todas as manhãs, no mesmo bonde, ela é minha companheira de viagem até à rua Marquês de Abrantes. Vai para o colégio. Senta-se no primeiro banco, de frente para os outros passageiros. Traz um jeito de fadiga nos olhos, na boca. Parece distraída. A aia que a acompanha, entrega, displicente, uma das mãos. Na mão solta, leva sempre rosas. É engraçada assim, com o seu rosto de grande sobre o corpo quase sem curvas, metido no uniforme escolar, azul, branco, tons de vermelho no peito e na cintura. Os cabelos cor de fumo claro mal se mostram debaixo de um chapéu de palha, negro, abas longas. Diante dela, não sinto em mim o maravilhado prazer que me dão, através dos óculos, as crianças, bonitas ou feias, bem vestidas ou esfarrapadas. Não seria capaz de tratá-la com intimidade. Se lhe chamasse “minha filha”, havia de pôr nessas palavras uma expressão muito distante de paternal...

Tão preocupada, tão tristonha, tão vivida!... Que mulher terá sido essa menina?

## “VILA VENTURA”

Perto da minha casa, vizinha da praia, há uma “vila” para alugar: “Vila Ventura”.

Lembro-me dos antigos moradores, um casal de velhos e três raparigas: os velhos, fortes, corados; as raparigas, muito bonitas, muito finas, com uns olhos grandes...

“Vila Ventura”... Talvez fosse por esta denominação que eu sempre achei naquela gente um ar feliz, repousado, alegre.

Agora, diante da casa vazia, fico imaginando que a ventura acabou, que qualquer coisa de mau e triste aconteceu aos velhos e às raparigas. O anúncio banal — “Aluga-se” — enche de pena o meu coração.

Pareciam tão bons aqueles velhos. Eram tão lindas aquelas raparigas...

## ARISTÓTELES

Não afirmo a culpa de Spencer na resolução que Aristóteles Silveira de Magalhães um dia tomou: resolução de abandonar o comércio para seguir o curso de ciências jurídicas e sociais, onde nos conhecemos. Magalhães, enquanto empregado de um escritório de comissões e consignações, lera as obras completas do filósofo britânico, numas brochuras com capa cor de oca, vagamente traduzidas em português e editadas por uma livraria de Lisboa. Eu poderia, pois, afirmar que foi Spencer quem o levou à tribuna e à mesa dos arrazoados. Não afirmo. Pode ser que não fosse Spencer e sim algum impulso ignorado, alguma esperança, algum entusiasmo. Foi — quem sabe? — o dom da eloquência, que o possuía. Desde jovem, ele se distinguiu por numerosos discursos vibrantes, em festas, homenagens, préstimos cívicos. Nada afirmo. Afirmar é perigoso. A História está crivada de fatos comprovantes. Lembrem-se, por exemplo, de Joana d'Arc, queimada como bruxa, há cinco séculos, e hoje a santa mais deliciosa do reino do céu. O certo é que Aristóteles Silveira de Magalhães surgiu na faculdade, aluno do primeiro ano, aluno distinto, sério, profundo. E assim distinto, assim sério, assim profundo, permaneceu até ao último ano. Terminado este, colou grau, tratou casamento, embarcou para a Europa.

— Vou aproveitar umas economias que pus de parte e meter-me num banho de civilização! — disse.

A idéia de civilização formava à frente de todas as idéias do novel advogado.

Ora, uma tarde, em Paris, tarde de setembro, 1913, indo a subir a rua Lafitte, esbarrei com Magalhães.

— Oh!

— Oh!!

Abraçamo-nos, patrióticos, e Magalhães, de fraque e luvas amarelas, exclamou:

— E a Europa, hein? Que desilusão!

Estremeci, sem voz. Mexi a cabeça, de trás para diante, concordando.

— Vamos beber uma Evian?

Recusei, assustado, a desculpar-me: que não, que precisava de estar, às seis e meia, na place Pigalle.

— Amores?...

Sorri, na falta de bigodes para torcer. O meu sorriso concordava

com Magalhães. Todo eu concordava com Magalhães, à condição de Magalhães restituir a minha liberdade em apuros.

— Olhe, é este o meu endereço.

Escreveu num cartão. Entregou-mo.

— E você? Onde mora?

— Na Bélgica, em Bruges. Venho a Paris, de longe em longe...

— Há de ir jantar comigo.

— Hei de ir. Avisarei quando.

Mais abraços. Sumi-me. Entretanto, Magalhães ficou sendo o meu pavor. Eu sentia Magalhães em toda a parte, em todas as pessoas. Magalhães me alucinava. E, fatalmente, de novo e de verdade, o encontrei. No Louvre! No Museu do Louvre! Nunca imaginei que o destino me reservava tamanha crueldade. No Louvre, então, o meu ex-condiscípulo desabafou:

— Que é a Europa? Casas velhas, povo desfibrado, ganância, pouca-vergonha. Visitei diversos países: desilusão! Vivem do passado. Nos museus, só estátuas antiqüíssimas, quadros antiqüíssimos, tapetes antiqüíssimos, tudo antiqüíssimo! E, sem pejo, guardam tudo! Não há mais homens! Onde um Napoleão, um Cavour, um Bismarck, um Victor Hugo, um Spencer? Onde?

Eu ignorava. Não sabia informar. Magalhães continuou, continuou, continuou... Saímos. E ao longo das Tulherias, atirando-me socos, puxando-me pelo casaco, Magalhães largou o seu grande caso:

— Quatro dias após a minha chegada, fui a um teatro, o *Folies Bergère*. Desci do fiacre, comprei o bilhete. Doze francos! Entrei. Ainda tive que dar gorjeta a uma velha que me conduziu à poltrona. O espetáculo começara. Era um espetáculo imoral. Não entendi bem, mas adivinhei pelo traje das artistas, pelos gestos, pelos olhos revirados, por certas palavras. Imoralíssimo! No intervalo, fui passear na sala. Sentei-me a uma mesa. Pedi uma meia Evian. De repente, eis que uma mulher se senta junto de mim: uma mulher bonita, alta, loura, ricamente vestida. Pensei que se enganara. Qual não foi o meu espanto, vendo a criatura encostar-se ao meu corpo, a rir, e perguntar, em francês, se eu não oferecia qualquer cousa. Juro-lhe que era a primeira vez em que a via! Que descaramento! Estremeci, porém. Refleti. Um crime se preparava, a vítima seria eu. Brasileiro não conhece medo. Chamei o *garçon* e ordenei que trouxesse outra meia Evian. A mulher pegou-me no ombro:

— *Du Champagne, mon p'tit. Pas de l'eau medicinale.\**

---

\* — Champanha, meu pequeno. Nada de água mineral. (N. do E.)

Aristóteles

Veio o *champagne*. Ela bebeu, comprou flores, comprou *bonbons*, comprou cigarros. Fumava, a facinora! Paguei o *champagne*, as flores, os *bonbons*, os cigarros, e ainda lhe dei dez francos, que me suplicou. Ah! eu queria ver como findava aquilo! Ia principiar o segundo ato. Murmurei: *pardon*, e fui para a platéia. No intervalo seguinte, decidido, tornei à sala. Andei. Olhei. Procurei. A mulher tinha desaparecido. Ah! ela percebera na minha atitude que eu não era um qualquer, que comigo fiava mais fino, e raspava-se, aterrada. Veja, você. Se eu não agisse com este meu sangue frio, a estas horas estava assassinado. Aquela mulher, nem há dúvida, fazia parte de uma quadrilha!

Aristóteles Silveira de Magalhães, desde que voltou do “Velho Mundo”, uma semana depois dessa narrativa espavorida, exerce a sua nobre profissão no interior do Rio Grande do Sul. É, também, político opositor. Faz muitos discursos. Cita, a propósito, levantando os braços, épico, para “os cumes da perfeição” — tetos de salões modestos, às vezes, e, às vezes, as nuvens do bom Deus, — cita, com a última veemência, nas perorações, Bento Gonçalves, Gaspar da Silveira Martins, Rui Barbosa, Irineu Machado, o ex-presidente Wilson, o pampa, o vento minuano e outros autores. Declara que nada pretende senão a independência ou a morte. Isso, em voz alta. Em voz baixa, quando está sozinho, bem que ele ambiciona uma cadeira na Câmara. Na minha opinião, Magalhães consegue, mais tarde ou mais cedo, essa cadeira. E, francamente, ele a merece.

## CREPÚSCULO

Passa um enterro. É um enterro pobre: um carro negro, com o caixão, e, atrás, outro carro, no qual percebo um homem magro, vestido de luto.

Já as luzes se acendem. Ameaça chuva. Na rua, apenas o trote dos cavalos e as rodas dos dois carros movem o silêncio. Ao longo da calçada, nenhum vulto além do meu.

Fico a imaginar o fim, o último capítulo que vai naquele enterro...

Começa a chover. Tenho pena da morta... Era muito moça, com certeza... Era linda, talvez...

## SANTA MARCELA

As vidas dos santos andam desprezadas. Nestes dias de agora, tão confusos, a lembrança do que foram, do que fizeram as criaturas tocadas pela graça do bom Deus, traria uma repousante utilidade. Sobretudo as santas têm na biografia exemplos preciosos, que enternecem e instruem.

Acabei de ler a vida de santa Marcela.

Santa Marcela foi louvada pelo exigente Jerônimo (depois companheiro dela na eternidade) como *a glória dos eleitos, a honra da cidade de Roma, o modelo perfeito da virtude cristã*. De raça ilustre (vários dos seus ascendentes haviam gozado das primeiras dignidades do Império), deve ser considerada, entretanto, menos digna por possuir as maiores vantagens do tempo do que pelo dom celestial de desprezar a nobreza e a fortuna. Viúva, aos sete meses de matrimônio, recusou unir-se em segunda núpcias com um homem riquíssimo, Cercálio, amigo íntimo do imperador, o qual prometera legar-lhe os bens imensos, se ela consentisse em desposá-lo. Ela não consentiu. Respondeu: — “Quero servir a Deus, entregar-me a Deus. Nunca me casaria com uma herança!” Desde aí, vestida de frangalhos, distribuiu aos pobres o ouro e a prata que lhe restavam e penou na humildade e na indigência, rezando, jejuando, martirizando a carne, a purificar ainda mais a alma, sempre preocupada com a morte. Quando os godos se apoderaram de Roma e desandaram na fatal pilhagem, alguns desses bárbaros, não contentes dos insultos vociferados, despedaçaram a chicote o corpo magro da penitente — suplício que ela suportou sem lamento, de olhos tornados para a recompensa paradisíaca. Em seguida, cheia de felicidade, deixou a terra.

Foi assim santa Marcela, no século V...

Marcela, portanto, é um nome de edificantes tradições. Mas — ai de nós! — o mundo de hoje não respeita tradições edificantes.

As Marcelas do século XX (principalmente na tradução francesa) são tudo que se possa imaginar de mais contrário à Marcela primitiva. Não existe uma rapariga dessas que a gente honesta chama de “desgraçadas”, em Paris ou nas cidades importadoras, não existe uma só que, ao menos por um mês, uma semana, um dia, uma hora, não tivesse sido “Marcelle”, “Marcelle” constitui um pseudônimo espalhadís-

*Santa Marcela*

simo sob o sol, as estrelas e outras lâmpadas, — um pseudônimo bem ao contrário dos pseudônimos em geral, que escondem tudo.

De resto, com os figurinos modernos, esconder é um verbo de aplicação muito vaga, absolutamente fora da moda...

Q

## ALMOFADAS

Sei de pessoas entendidas que afirmam, citando a História, constituírem as almofadas um luxo de épocas decadentes. Eu tenho um respeito sem controvérsia por todas as pessoas entendidas. Concordo com elas. E, agora, como as almofadas estão na moda, (e nunca estiveram tanto na moda!) sou forçado a confessar que estes dias de hoje são dias de decadência. Não faz mal. Subindo ou descendo, sempre vivemos. Enquanto vivemos, as almofadas substituem, com delícia e boa vontade, os braços que andamos a procurar, inutilmente... inutilmente a procurar... Com um livro amado nas mãos, no silêncio de uma alcova, existirá prazer mais envolvente do que o aconchego das almofadas? Não há, decerto. Só se for, sob o sol das manhãs alegres, à beira-mar, o passeio a pé, que dá saúde e dá beleza. Mas, mesmo nele, as almofadas ainda vão. Vão com as mulheres, na forma aérea das sombrinhas — almofadas ao vento, macias, leves, esvoaçantes...

## OS ASCENDENTES

Da nossa Independência apenas dois nomes conseguiram a grande glória; dois nomes, apenas, são conhecidos de toda a gente: d. Pedro I e José Bonifácio. Outros têm, às vezes, o consolo de alguma citação mais erudita. Mas, só ganharam estátua o príncipe regente, feito monarca, e o ministro depois decaído das graças poderosas. Ninguém, entre a maioria formadora da posteridade, ninguém se lembra de Hipólito da Costa; poucos sabem da existência de Gonçalves Ledo; e Evaristo da Veiga, a quem se deve a abdicação do filho de d. João VI, gesto que, enfim, completou a liberdade nacional, Evaristo da Veiga... é uma rua da cidade do Rio de Janeiro...

Esses três antepassados representam corajosamente a imprensa brasileira. Um, pregando a boa verdade, da terra do exílio, onde se acolhera, fugido de um auto-de-fé probabilíssimo. Outro, já em tempos menos obtusos, lutando aqui, no seu jornal, acendendo as inteligências, derruindo noções errôneas, pondo fogo às inércias pessimistas. E, anos em seguida à separação, quando o homem oficialmente responsável por ela, parecia querer desprezar os interesses do povo que o aclamara, Evaristo da Veiga, das páginas da *Aurora Fluminense*, despertou a alma ainda infantil desse povo, e conduziu a mão nervosa do primeiro imperador ao papel sobre o qual ele deixou a sua frase derradeira no Brasil...

Ao lado de frei Sampaio e de Januário da Cunha Barbosa — Hipólito da Costa, Gonçalves Ledo e o Incitador do Sete de Abril são os ascendentes da família que tanto cresceu e tanto se multiplicou, e cujo futuro anda a preocupar o bondoso coração do senhor senador Adolfo Gordo...

## A PROPÓSITO DA LEI DE IMPRENSA

Considerando que só publicavam notícias mentirosas e que eram todos muito mal escritos, um rei de Portugal mandou cessar a publicação dos jornais editados em Lisboa, no seu tempo. Não me lembro agora o nome desse soberano de bom-senso e de bom-gosto. Mas, tenho pensado nele, seguidamente, desde que o senhor senador Adolfo Gordo apresentou à Casa mais grave do Congresso a chamada lei de imprensa. O projeto do carrancudo representante de São Paulo, talvez pela pressa com que foi organizado, fazia, mais ou menos, o que fez o decreto do monarca lusitano. Apenas, as épocas se tornaram um pouco diferentes e, se aparecem, em algumas folhas, terríveis inverdades e um estilo pior, a maioria vale a pena de ser lida, mesmo em estado de sítio... E o senhor Gordo não é teimoso. Dias depois da tentativa apavorante, subiu à tribuna e, entre as paredes ilustres e pacientes, explicou que estava de acordo com Napoleão: a liberdade de imprensa é uma necessidade. Ora, ele deseja que essa necessidade não seja anônima. Os comentários, os artigos, as notícias, as transcrições, tudo tem que ser assinado. E eis aí uma sobrazinha de maldade... Nas críticas e discussões, nas campanhas tão saboreadas pelo grande público, não é a opinião do senhor tal ou de qualquer senhor que importa e sim o que afirma o jornal, com o prestígio do seu título e a força de falar como intérprete da vontade popular... Ainda mais: a assinatura obrigatória vai aumentar o número de gazetas, já tão excessivo... Toda a gente vai fundar jornais. Só haverá jornalistas. As várias profissões que ajudam a ordem e o progresso da pátria desaparecerão... Os brasileiros, em geral, até os que não sabem ler, são jornalistas à espera. A prosa, quase sempre mordaz, que lhes sai da boca, morre, entretanto, nos ouvidos dos companheiros de palestra, incapazes de escutar com a devida atenção, porque, enquanto um fala, os outros compõem, calados, o que dirão em seguida... Escrevem no ar. Há, também os que escrevem nas paredes... E só estes continuarão a escrever nas paredes...

## CUIDADO!...

Oh! O meu pavor dos pessimistas! Eles são mais nefastos, fazem um mal muito maior do que o éter, a cocaína, a morfina, o ópio e outros venenos cenográficos perseguidos pela polícia.

Contra eles é que se devia abrir uma campanha sem pausa. Há milhares por aí, nas esquinas, nas livrarias, nos cafés, nos bondes, em toda a parte. De olhar feroz, boca espichada, vão chamando e espalhando fluidos ruins pela cidade. Conheço de fama alguns. Muitos, de vista. E, infelizmente, um, de fama, de vista e de ouvido. Aparece, de quando em quando. Abre a porta, dá comigo, grita: "Ah!" No grito põe o espanto desapontado de me encontrar com saúde e contente. É incapaz de pronunciar: bom dia, ou boa tarde, ou boa noite. Firme no seu mau humor intransigente, se pudesse, cumprimentaria assim: "Horível dia, horível tarde, horível noite". Como não pode, por um resto de pudor, resume tudo no "ah!" escandalizado. Depois, atira o corpo, com um suspiro, sobre a poltrona e começa... Descompõe o mundo inteiro. Ameaça. Inventá. Calunia. E quando percebe que eu estou suficientemente sucumbido, sai, grande, profético, abracadabrante. O dinheiro que esse homem tem me obrigado a gastar em alfazema!...

## IDÉIA

Ser mulher bonita... Não há nada tão útil. Além do resto, a mulher bonita encontra sempre um número enorme de facilidades em tudo.

Esta idéia me veio por causa daquela chuva da outra semana.

Tomei o bonde em Copacabana, rumo da Avenida.

O bonde que tomei ia alagado. E cheio de passageiros. Entre os passageiros, uma mulher bonita. Nem magra, nem gorda, muito branca, vinte e oito anos.

Vinte e oito anos, sim. Nunca notaram que as mulheres de vinte e oito anos têm um encanto diferente das mulheres mais moças ou mais velhas? Essa, que ocupava o terceiro banco, tinha o tal encanto. Eis por que lhe descobri a idade.

Eu estava atrás. E pude reparar na comodidade em que ela viajava com um velho já bem invernososo, à direita, e um moço perfeitamente primaveril, à esquerda.

O velho havia aberto, ao jeito de guarda-chuva, resguardando-a, o *Jornal do Commercio*. O moço, de instante a instante, passava o lenço nas costas do banco, arrumava as cortinas, mexia-se todo como para fazer calor.

— Parentes, pensei.

Não eram parentes. Nem eram conhecidos. O moço desceu em frente ao Lírico. O velho desceu na rua de Santo Antônio. Encharcados os dois. Encharcados estavam comigo todos os passageiros. Ela saltou na Avenida, leve, risonha, enxuta, mais branca na manhã sem sol...

## MANIA ABORRECIDA

Antigamente, entre gente cristã, era de uso fechar os comentários sobre “maus passos” alheios com esta pequena frase:

— Falta de religião!

A falta de religião explicava tudo que de pouco honesto, segundo as pessoas graves, acontecia sob o sol, ou sob as estrelas (quase sempre sob as estrelas). A falta de religião fez vários casamentos e desmanchou diversos lares, antigamente.

Agora, a “imoralidade social”, pública e privada, tem explicação nova: o cinema. São as fitas, afirmam, que espalham a semente corruptora, a terrível semente. Ela entra pelos olhos, passa pelo sangue e vai florir e frutificar lá dentro...

A mania de querer explicação para tudo! É assim que se estraga o que há de mais interessante neste mundo...

## DESPERDIÇADO...

O homem começou estranhando que eu tomasse café sem açúcar. Expliquei-lhe que era por causa dos açucareiros, tão difíceis para mim que procuro conseguir tudo pelo esforço menor. Depois, negou que a tarde fosse linda, como eu queria. Respondi-lhe, com a mesma doçura, que todas as tardes são lindas... Fez um amuo de misericórdia. Em seguida, balbuciou qualquer coisa sobre o Nirvana. Investiu contra a carestia da vida. Gemeu as suas necessidades, que eram, contudo, ridículas diante da miséria da população do interior, abandonada a males de todos os tamanhos. Descompôs o Senado, a Câmara, o Conselho Municipal. Queixou-se dos bondes, dos automóveis, dos trens, das barcas. Falou mais. Falou muito. Falou. Falou. Falou. Mas, não disse nada...

## A ÚLTIMA CARTA

Durara cinco anos aquele amor. Ela era chapeleira. Ele, poeta. O poeta tinha mulher e filhos. A chapeleira não tinha ninguém. Um dia, quando o primeiro cabelo branco lhe apareceu, ele decidiu separar-se, para sempre, da derradeira paixão da sua mocidade. Fechou-se na sala de trabalho, e pôs-se a escrever a carta de rompimento:

*Maria.*

*É com lágrimas nos olhos que venho dizer-te adeus. Depois de tanto tempo feliz, bem podes imaginar a tristeza desta despedida.*

A esposa, que havia entrado devagar, na ponta dos pés, foi debruçar-se sobre o ombro dele. O poeta, sem pestanejar, continuou assim:

*Paulo.*

*Não fales em partir, Maria. Fica. Tens aqui...*

— Que é isso Jacinto?

— Hein! Ah! és tu...

— Que é que estás escrevendo?

— O início de um drama. É a primeira cena. Vai lá para dentro.

Não gosto de escrever acompanhado.

E, quando a mulher se afastou, para não lhe perturbar a inspiração, ele, noutra folha de papel, terminou a carta interrompida.

Até hoje, a bondosa senhora não se consola de o marido não ter concluído a peça, que começava tão bem.

## REVISTAS

As revistas em dois atos, alguns quadros e várias apoteoses tomaram conta irremediavelmente dos nossos teatros de colarinho mole e lá instalaram para sempre o gênero *por sessões*. Elas são as fabricantes e as propagandistas dos termos novos da língua carioca e das toadas que os gramofones urbanos e suburbanos *solfejam* depois, sem cessar, por dias, semanas, meses, anos, enquanto o disco resiste, enquanto um último ronco ainda gargareja debaixo da agulha. Os primeiros autores desse gênero de divertimento (bem interessantes quase todos) fizeram escola. Hoje, os discípulos florescem e frutificam, transbordantes, excessivos. A maioria acha grande honra em pertencer à classe. Mas, três ou quatro declaram que se não confundem com os colegas e, nos anúncios dos jornais e nos cartazes, mandam expor as suas vantagens ou as vantagens das obras que cometeram. Nos *réclames*\* do velho S. José, por exemplo, li, há tempos, em seguida ao título vistoso: “Peça de costumes cariocas. Um fio de enredo honesto prende, entre si, os seus quatro quadros. Tem princípio, meio e fim.”

Prefiro as outras, sem princípio, sem meio, sem fim... São muito mais engraçadas...

---

\* Propaganda. (N. do E.)

## O TEATRO E O AMOR...

Há cinco ou seis anos, estreou, no Fênix, uma companhia norte-americana, de burletas e bailados, que possuía, como parte imprescindível do elenco, dez ou doze bailarinas.

Estreou, apenas. Não conseguiu dar segundo espetáculo. À hora de abrir o pano, nenhuma das raparigas apareceu. Estavam todas dançando particularmente... Estavam todas contratadas por empresários clandestinos e ciumentos. Esse caso, que na época divertiu a Avenida, ficou sendo um exemplo. Exemplo terrível. Nos palcos cariocas não pode existir uma cara bonita, nacional ou estrangeira, em cima de um bonito corpo. Mal se revela, logo se some, com proprietário ou, pelo menos, com inquilino. Só Deus sabe o que custou à Madame Rasimi conservar as suas discípulas do *Ba-Ta-Clan*, durante os dias passados aqui. É por isso que eu admiro, cada vez mais espantado, a teimosia de Otília Amorim, Antônia Denegri, Maria Matos, Nair Alves, Célia Zenatti, Leticia Flora, Palmira Silva, Amada Fonfredo, Iracema de Alencar... Estas e talvez alguma outra cabeçuda linda, do Recreio, do S. José, do Trianon, têm resistido a tudo... São as salvadoras do teatro brasileiro...

## GASPAR

Gaspar (Gaspar Meireles da Costa) foi na minha vida uma coisa necessária, útil como uma anedota. Conheci-o na tarde em que o diretor da faculdade de Direito inexoravelmente me colou o grau de bacharel. Ao sair da sala, entre abraços, esbarrei contra um moço moreno, de fraque, que balbuciou:

— Felicitações, doutor.

Instantes depois, não sei por que, estávamos íntimos. Desde aí, num carinho de hortelão contente, cultivei o Gaspar. Ele, sem cerimônia, narrou-me a vida toda, pouco a pouco, sacudindo as lembranças. Principalmente as lembranças de amor. Amara muito. Das numerosas paixões, com que se atormentara, falava numa, seguidas vezes, embevecido, ainda tonto. Era uma prima — jovem, prendada, exímia no bandolim e nas trouxas de ovos.

— Um *bibelot*\*, meu caro, um *bibelot*. Passava horas inteiras, junto dela, a escutá-la. Você, com certeza, já ouviu *Os palhaços*, não ouviu? Pois a prima tocava o prólogo, no bandolim, que era mesmo uma loucura. Não parecia bandolim! Parecia o tenor Caruso! E aquelas mãos que tão comoventes sons arrancavam do instrumento não se envergonhavam de preparar o melhor dos doces. Acredite: você nunca provou as verdadeiras trouxas de ovos.

Eu acreditava. Uma tarde, Gaspar chegou-se a mim, apreensivo.

— Que há?

— É que preciso mandar um bilhete à Marcelle...

— Que Marcelle?

— Então, não sabe? Aquela francesinha...

— Ah!

— Preciso mandar-lhe um bilhete e receio que não esteja em condições...

Tirou do bolso um envelope. Tirou do envelope uma folha de papel cor de rosa:

— Veja.

O bilhete dizia assim:

*Ma Marcelle très chérie.*

---

\* *Bibelô*: Pequeno objeto de enfeite que se põe em cima das mesas, aparadores etc. No texto, referência à beleza, à graça da mulher mencionada. (N. do E.)

Gaspar

*Je ne peux absolument aller te voir aujourd'hui, pourquoi je ne peux arranger les 150. Oui?*

*Un baiser de véritable amour de ton — Gaspar.\**

— Mande. Está ótimo.

— Olhe, hein...

— Otimíssimo.

Mandou.

Marcelle, nesse tempo, formava o grande caso do coração de Gaspar.

— É uma rapariga que me quer deveras.

Encontrara-a num *club* da rua do Passeio, vestida de *gigolette*, a cantar e a dançar a *valse brune*.

— É um *bibelot*, meu caro, um *bibelot*. E como canta a *valse bline*! Que voz! E que valsa bonita, chorosa mesmo:

*C'est la "valse bline":*

*Ti-ta-ta-ti-ta... ta... ta... a...*

Uma beleza! Foi um assassino de Paris quem a fez — contou-me a Marcelle. Veja o que é um centro adiantado! Veja se no Rio haveria um assassino capaz de compor uma valsa como a *bline*!

Em quatro meses, Gaspar retirou do banco 72 contos. Aparecia em todos os lugares com a Marcelle. Assobiava e trauteava a valsa fatal em todos os lugares.

Sumiu-se afinal.

Ouvi dizer que está de juiz num estado, Sergipe ou Paraíba. Também é diretor de um jornal católico e vagamente espírita. Esqueceu-me. Eu, entretanto, não me esqueço dele, nem o confundo com os outros Gaspares que tenho conhecido...

---

\* Minha Marcela muito querida.

Não posso absolutamente te ver hoje, porque não posso arranger os 150. Certo? Um beijo de verdadeiro amor de teu Gaspar. (N. do E.)

## MULHERES

As norte-americanas, ao longo de fitas cinematográficas, têm desviado muito (mas muito) da admiração fascinada que envolvia as filhas das duas margens do Sena. Flores de terra mais nova, as mulheres do país dos dólares aparecem cheias de vida, nítidas, numa ronda de primavera sempre acesa. Falta-lhes, entretanto, o ar de Paris, névoa sutil, ritmo lento, graça e melancolia... aquele bom ar de Paris, que, como está na *Educação sentimental*, parece conter eflúvios amorosos e emanações espirituais...

Quedei, pensando assim, diante de uns retratos de Mona Delza, que a morte levou, há quase dois anos. Ela era mais do que uma simples transeunte da vida. No êxtase da sua beleza, havia qualquer coisa de longe do mundo, qualquer coisa que lhe dava uma ascendência remota, um passado distante, perdido entre as fontes e as árvores, nas florestas luminosas, nos bosques musicais, onde os passos divinos ressoavam. Os deuses mandaram buscá-la cedo para que ela deixasse, junto dos homens, uma lembrança de perfeição e “uma alegria para sempre”... Os olhos que a viram não de envelhecer contentes. E essa criatura menos ficará na memória do que na imaginação, como as rosas, os crepúsculos e as palavras de amor que o vento leva...

## O PADRE RICK E EU...

Guardo uma opinião sobre mim, exagerada, talvez, mas antiga, do tempo da juventude. Não será, tal qual se ouve comumente, “uma opinião pessoal”. Recebi-a, à saída do internato, quando o deixei (passaram já 17 anos), feito “bacharel em ciências e letras”. Recebi-a da boca do padre professor de matemáticas, que também lecionava história natural — matérias em cujos exames, por especial indulgência, fui aprovado com grau 10. Chamava-se Rick. Era apavorante: muito comprido, muito magro, muito feio, e sabia tudo. Na galeria do grande pátio, os mestres, alemães e amáveis, despediam-se dos alunos. A cada um murmuravam palavras sem conseqüências, reproduziam votos de venturas e triunfos. A mim, orador da turma, — o poeta do colégio — ator aplaudidíssimo nos espetáculos das datas festivas, iam profetizando, à medida que os abraçava, futuros maravilhosos... Cheguei ao padre Rick, o último, na porta quase. Ele derramou as mãos imensas em cima dos meus ombros, fincou os olhos amarelos e frios nos meus olhos e, com a voz soturna, escapada, ao certo, de qualquer garganta contemporânea da invasão dos bárbaros, perguntou:

— *Endon, Morrera, que vai fazer agora?*

Respondi, tremendo, que pretendia estudar Direito.

— *Dirreito!*

Abriu-se, de alto a baixo, numa terrível gargalhada. E, lembrando-se de que eu nada tinha sido nas aulas dele, concluiu:

— *Vai, Morrera, vai. Nunca serrá nada na vida!*

Vim. Somei idade e, entretanto, não entendi mais da vida do que entendi das matemáticas. E continuei a preferir as histórias artificiais às outras histórias...

O bom Deus chamou, depois, o padre Rick para classificar as plantas dos jardins suspensos do Paraíso e ensinar geometria no espaço... Eu fiquei. Fiquei com aquela opinião, a única coisa que aprendi com ele...

## NÓS E OS OUTROS

No começo da Grande Guerra, o sr. Assis Brasil recebeu uma interpelação apressada, de um cavalheiro da colônia alemã do Rio Grande do Sul. Queria esse cavalheiro que o sr. Assis Brasil lhe respondesse se era s. s., conforme se propalava, contra a Alemanha e a favor dos Aliados.

O ex-ministro plenipotenciário respondeu que, nas suas funções diplomáticas, tinha vivido em vários países europeus e que conhecia a opinião de tais países a respeito do país onde nasceu. Por isso, era apenas, e cada vez mais, a favor do Brasil...

Não imitaram o sr. Assis Brasil todos os nossos patrícios. A guerra separou alguns em dois partidos frenéticos. Os pró-Germânia estremeciam de entusiasmo pela Força organizada. Os antagonistas gritavam pela Civilização em perigo...

Um dia, entramos também no rol dos combatentes... O nome do Brasil principiou a aparecer, no Velho Mundo, como o de uma potência importante da América do Sul.

Sucedeu, entretanto, o armistício... Em seguida, a paz... Voltamos a ser o que havíamos sido, nos *boulevards*\* e nos salões das capitais notáveis, com erros de geografia e pontos de vista humorísticos...

Os diplomatas de lá, acreditados junto ao nosso governo, por dever profissional, nunca falam de nós, sinceramente, aos seus compatriotas.

Escritores e cientistas, que passam pelo Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre, retornam admirados da cultura encontrada nos intelectuais. E é aos intelectuais das suas cidades que eles narram o encontro inesperado. Os escritores, às vezes e a propósito, publicam crônicas e mesmo livros. Impressões de viagem... Eis o pavor! A imaginação põe-se-lhes a girar, e o Brasil, que descrevem ou evocam, dá vontade de rir.

O espanhol Blasco Ibañez, por exemplo, só viu pretos no Rio de Janeiro, onde, em compensação, a parisiense Jane Catulle Mendés viu "A Cidade Maravilhosa"...

---

\* Bulevares: ruas largas, arborizadas. (N. do E.)

Dos comediantes e cantores, dançarinos e músicos, que fazem temporada nos teatros nacionais, os conceitos divergem, como divergem os dos políticos, excursionistas, e os das senhores em busca de fortuna.

O que, sobretudo, perturba a compreensão do Brasil, quando contado, fora dele, aos que o ignoram e se acostumaram a colocá-lo nos “tempos primitivos”, é o embevecimento exclamatório que a nossa natureza impõe aos itinerantes. À sombra de montanhas de formas espantadiças, e de imensas árvores retorcidas, cheias de exóticas frutas, sob florestas fabulosas; à beira de ondas lendárias; entre quadrúpedes, aves e reptis extravagantes — que povo se agitará, senão um povo silvestre, enfeitado de penas, arco aos ombros, flexa aos dentes, cor de bronze e feroz?

Nem de maneira diversa nos julgava o ator Antoine, antes de pisar o chão carioca. Ele próprio o confessou aqui, numa palestra muito aplaudida...

## MÁRIO PEDERNEIRAS

Mário Pederneiras morreu com um sorriso triste, um sorriso ingênuo, que mais perguntava do que sorria. Não conheceu a morte, talvez, quando a morte chegou.

Há oito anos, está dormindo sob a terra carioca, tão arraigada na sua alma, ao amparo das árvores de São João Batista, árvores da cidade ainda, as santas árvores de que ele fora o poeta devoto.

Aquele puro artista, aquele homem bom, meigo de sonho, coração e nervos, de uma sensibilidade quase infantil, de uma inteligência sempre nova, sempre original; que tanto sofreu e não desesperou nunca — era a graça cheia de ternura, a ironia comovida, o humorismo otimista. Acolhia na mesma afeição os seres e as cousas, poisava um carinho em tudo, tudo tocava de uma suavidade consoladora.

O tempo ia seguindo. Mário não envelhecia. Conservava intacto, sereno, o grande encanto que havia trazido para a vida.

O seu mundo terminava ao fim da sua cidade. E ele a queria inteira, do céu, pelas montanhas, pelo mar, pelos jardins, até à rua.

Para ele, a humanidade não tinha mais que as criaturas do seu amor e da sua amizade.

O pequeno lar, onde concentrava o seu cuidado, onde a sua ventura morava, era o único bem que Mário possuía, entre a família adorada, os amigos, e os livros. Não desejou mais...

Um dia, uma visitante estranha veio bater-lhe à porta: e a saudade asilou-se também no pequeno lar, a saudade de Iolanda, Lenora e Maria da Graça, as filhas da sua paixão.

Mas, ficara para acalanto, Hélio:

*E foi ele o primeiro  
Que encheu a doce paz desta morada,  
Onde vivem amores a cuidá-lo,  
Deste nobre prazer sadio e terso,  
Que vem do ritmado embalo  
Do primeiro berço.*

Vieram, mais tarde:

*Lia e Luzia,  
Duas lindas cigarras  
Que vivem a cantar no meu Outono.*

O Outono deu-lhes as últimas emoções.

Com *Agonia, Rondas Noturnas, Histórias do meu casal, Ao léu do sonho e à mercê da vida* e *Outono*, a obra poética de Mário Pederneiras andou um caminho de ascensão. O seu verso, de uma simplicidade, de um ritmo só dele, pessoalmente dele, apareceu na nossa literatura, nela permanecerá, inconfundível, a evocar, da vida e do mundo, o que a vida e o mundo apresentam de calmo, de manso, de modesto.

Mário pressentiu que *Outono* seria o seu livro derradeiro. Uma tarde, pouco antes de se ir, pediu à companheira, a quem chamava *Anjo do Bom Augúrio*, que lesse, em voz alta, queria ouvi-los, os poemas de *Outono*.

A página final é assim:

*Meia tinta da cor dos ocasos do Outono,  
Sonho que uma ilusão sobre a Vida nos tece  
E perfume sutil de uma folha de trevo:  
São, decerto, a feição deste livro que escrevo  
Neste ambiente de silêncio e sono,  
Nesta indolência de quem convalesce.  
O meu livro é um jardim na doçura do Outono  
E que a sombra amacia  
Do carinho e do afago  
Da luz serena do final do dia;  
É um velho jardim dolente e triste  
Como um velho local de silêncio e de sono,  
Já sem luz de Verão que o doire e tisne,  
Mas onde ainda existe  
O orgulho de um cisne  
E a água triste de um lago.*

Quedou, um longo instante, calado, cismarento. Murmurou depois:

— Devia chamar-se *O canto do cisne* este meu livro...

Em prosa restam de Mário Pederneiras *Crônicas, Bilhetes à Cora, Notas de bom humor, Diário das ruas*, trabalhos esparsos, de impressão sentimental, risonha, espécies de jornais da sua alma e da alma da cidade, imprevistos e espirituais.

A gente moça quer bem a esse poeta. Nem outra glória ambicionou ele...

## FIM DE PALESTRA

— Não, minha amiga. O delírio não é geral. Nem todos querem saber o destino... Nem todos vão aos quiromantes, às senhoras que lêem cartas, aos chamados videntes... Há muita gente sem ventura... Só a idéia de poder descobrir que ainda será mais desgraçada afasta-a para bem longe dos reveladores do Futuro... Essa gente é talvez a que tem mais fé no poder sobrenatural de adivinhar o mistério da vida que há de vir... Os felizes são curiosos. Os infelizes já sabem demais...

## DISCÍPULOS

Havia uma canção parisiense, muito cantada em Montmartre e no *boulevard* de Strasbourg, a qual, do princípio ao fim, “relatava” coisas pouco decentes, tendo, ao cabo de todas as coplas, este estribilho:  
“*Chut! Monsieur Bérenger est dans la salle*”.\*

A nossa imprensa deu para imitar a velha canção. De manhã, pela tarde, à noite, nos seus diversos e populares órgãos, os jornalistas contam acontecimentos escabrosíssimos, com títulos e outros atrativos excitantes, em períodos que se ajuntam dramáticos, como os compadres das revistas nas apoteoses, e que murmuram, antes do pano descer ou a notícia terminar, o mesmo estribilho de olhos piscado:

— “*Chut! Monsieur Bérenger est dans la salle*.”

A tradução varia. As interpretações são numerosas. O fundo conserva-se idêntico, tal qual...

É por isso que eu tenho pena da memória de Monsieur Bérenger. O pobre moralizador, tão bem intencionado, deixou discípulos lamentáveis...

Mas, existem discípulos que não sejam lamentáveis?...

---

\* “Silêncio! O sr. Bérenger está na sala.” (N. do E.)

## NA ÍNTEGRA

Todos os dias, o correio me entrega vários envelopes, dentro dos quais vêm contos, novelas, dramas, comédias, odes, elegias, baladas, sonetos (oh! principalmente sonetos!), do norte, do sul, do leste, do oeste, da capital, dos estados, do Brasil inteiro! Todos os dias!

Às vezes, por milagre, pode salvar-se o conteúdo d'alguns envelopes; mas em geral não se salva de nenhum. As *produções* vêm quase sempre acompanhadas de uma carta. Esta carta é modesta ou arrogante, tímida ou desembaraçadíssima. A mais interessante chegou hoje. Um *autor* mandou-me em largas folhas de papel um *trabalho em versos*. O trabalho, por infelicidade, não prestava; era ruim, de arrepiar...

A carta dizia assim: "Peço respeitar o original na íntegra."  
Respeitei-o. Foi para a cesta na íntegra...

## ENDOMINGADOS...

Endomingado é o adjetivo com o qual se qualificam uns entes simples, trabalhadores, que, pelos dias de folga, arrumam no corpo o terno melhor, desajeitadamente, e saem para a rua, gozando, desfrutando a seu modo, o descanso bem merecido.

Ora, endomingado exige uma aplicação mais abundante. Existem certos senhores endomingadíssimos, a vida inteira. Nas atitudes, nos gestos deles, é sempre domingo — um domingo sem fim, que não teve sábado e não terá segunda-feira...

Tais senhores nunca se apartam de uns fraques memoráveis, fraques de uma família única, históricos, teimosos... fraques que viram partir os batalhões para a guerra do Paraguai, que bateram mangas à lei do ventre livre, que se curvaram diante da Princesa Redentora dos escravos, que assistiram ao nascimento fora de tempo da República e a outros fatos interessantes dessa época para cá...

## O MODELO BEM-AMADO

Acabei de ver uma fita de Francesca Bertini: *Marion* — uma fita como todas as que ela faz, substituindo o beijo final das americanas pela própria morte... Para repousar das coisas que nos chegam, todas as semanas, dos Estados Unidos, foi interessante o espetáculo. E mais interessante porque, enquanto as cenas passavam cheias da presença da linda criatura, eu reconheci nela, todas as meninas das últimas gerações... As artistas da pátria honorária do meu amigo Sebastião Sampaio, à exceção de Theda Bara, não influíram assim... Não há nenhuma Norma, nenhuma Constance, nenhuma Glória Swanson, nem Agnes Ayres, nem Mary Miles Minter, nem Shirley Mason, nem Betty Compson, por estas bandas... Mas a Bertini... a Bertini apinhou a cidade inteira, até aos subúrbios...

## O LUCRO

— “Eu tive um cão, chamava-se Veludo...” Não, não é isso. “Na luz do seu olhar, tão lânguido e tão doce...” Diabol também não é isso. Explico: tomei o bonde, distraído, meio triste. Acendi um cigarro e, quando a primeira fumaça voou, o cavalheiro bateu docemente no meu ombro:

— Prezado amigo...

— Oh! sr. Gusmão!

O sr. Gusmão é meu admirador. Compra todos os livros que eu publico, e manda-mos pelo filho mais velho, para que eu ponha, na primeira página, uma dedicatória sincera. Mas, desde que começou a comprar os meus livros, o sr. Gusmão vem cobrando, sem piedade, o dinheiro despendido. Sempre que me encontra, fala de versos, cita autores, enumera as suas predileções; declara que, embora eu escreva em prosa, hei de ser, quer queira ou não queira, um poeta; e termina por declamar, encostado à minha orelha mais a propósito, uma poesia inteira. E, como o sr. Gusmão não tem boa memória — a memória dos seus tempos de moço — esquece-se, gagueja, põe os olhos no céu... Resultado: em lugar de uma, escuto, inevitavelmente, três, quatro e, às vezes, cinco poesias...

Nesse último encontro, ele quis recitar um esplêndido trabalho, um trabalho *chic*, sobre um cachorro. E principiou. Parou. Principiou de novo. Concluiu, dizendo todo o “Veludo”, de Luís Guimarães Júnior e todo o “Fiel”, de Guerra Junqueiro.

Estávamos, felizmente, na Avenida.

— Pois até outro dia, sr. Gusmão.

— Passe bem, caro doutor.

Vim trabalhar. Às onze e meia, quando pretendia sair para o almoço, o telefone me chamou.

— Alô...

— É o doutor? Quem fala é o Gusmão. Lembrei-me. É de Belmiro Braga. Ouça lá: “Pela estrada da vida, subi morros, desci ladeiras... desci ladeiras... desci ladeiras...” Espere um pouco... É uma beleza! “Desci ladeiras...” Bom! esqueci de novo. Mas, não faz mal. Assim que lembrar, ligo para o senhor. Até logo, hein?

E eis aí o que se ganha, publicando livros...

## PETIT BLEU EM LETRA MIÚDA

Arlequim escreveu a Pantaleão:

“Jesus Cristo, de quem, com certeza, já ouviste falar, aconselhava, docemente, que oferecêssemos, a qualquer pessoa que nos esbofeteasse um lado do rosto, o outro lado, para ser esbofeteado também. Essa lição de humildade, como, em geral, todas as lições, não encontrou discípulos. Dela, entretanto, ficaram nuanças... Quero servir-me de uma, agora, nas primeiras claridades deste dia contente. Ontem, foste indelicado comigo. Hoje, venho fazer-te um presente. É que presente, Pantaleão! Um espelho, um lindo espelho da Boêmia. Mira-te. Que tal te achas? Feio, desengonçado, sem graça, sem finura, sem elegância. Não podes arranjar imagem mais confessável... Mas, eu te vejo diferente. Olho-te com simpatia, quase que com ternura... E, olhando-te, peço aos gênios indulgentes do planeta que te envolvam de lucidez, que tirem do teu sentido de enxergar o rancor, em cuja trama tudo tão ruim te aparece. Se eu dispusesse de milhões, em dinheiro, não haveria pobres junto de mim. Como sou apenas dono de uma fortuna imensa de otimismo e cortesia, sinto um prazer bem sincero quando reparto um bocado do que possuo com os meus semelhantes necessitados. Tu necessitas muito de otimismo e cortesia. A tua grosseria tem tomado proporções apavorantes. O teu azedume diante da terra e da humanidade acabaria mal... Acalma-te. Esconde os teus aborrecimentos, caso não consigas, desde logo, desapegá-los de ti. Evita perturbar, por causa deles, o sereno esplendor das outras almas. Ninguém deve ser incomodado porque um calo te dói ou porque a casa do teu vizinho é maior do que a tua ou porque a tua inteligência é menor do que a daquele rapaz que usa camisas de seda. Ninguém tem nada com isso, Pantaleão. Trata-te. Pensa na alegria. Levanta a cabeça para o céu. Sorri. É preciso sorrir muito... Não abandones a vontade de melhorar. Disse, certa vez, um filósofo polido que a incapacidade de melhorar é a única doença mortal. Não morras. A vida é bela. Tu não sabes ainda como a vida é bela, Pantaleão! Mira-te no espelho, no lindo espelho da Boêmia. Estuda uma fisionomia nova. Faze o aceno à felicidade. Ela te trará a beleza, a harmonia interior. Nem imaginas quanto é bom ser feliz, Pantaleão!”

## LITERATURAZINHA...

Entre os documentos da nossa história sentimental, nenhum é mais interessante do que a carta de adeus, escrita pela segunda imperatriz ao seu enteado, que ficava dono de um trono, sem saber ainda o que fazer dele. Dona Amélia, antes de ir para bordo da nau Werspite, na qual saiu do Brasil, deixou estas palavras a d. Pedro II:

“Adeus, menino querido, delícias de minha alma, alegria de meus olhos, filho que meu coração tinha adotado! Adeus, para sempre, adeus! Quanto és formoso neste teu repouso! Meus olhos chorosos não se podem faltar de te contemplar! A majestade de uma coroa, a debilidade da infância, a inocência dos anjos cingem tua engraçadíssima fronte de um resplendor misterioso que fascina a mente. Eis o espetáculo mais tocante que a terra pode oferecer! Quanta grandeza e quanta fraqueza a humanidade encerra, representadas em uma criança! Uma coroa e um brinco, um trono e um berço! A púrpura ainda não serve senão de estofado, e aquele que comanda exércitos e rege um império carece de todos os desvelos de uma mãe! Ah! querido menino, se eu fosse tua verdadeira mãe; se minhas entranhas te tivessem concebido, nenhum poder conseguiria separar-me de ti! Nenhuma força te arrancaria de meus braços! Prostrada aos pés daqueles mesmos que abandonaram meu esposo, eu lhes diria entre lágrimas: “Não vedes mais em mim a imperatriz; mas uma mãe desesperada! Permite que eu vigie o nosso tesouro! Vós o quereis seguro e bem tratado; e quem o haveria de guardar e cuidar com maior devoção? Se não posso ficar a título de mãe, eu serei a sua criada ou a sua escrava!” Mas tu, anjo de inocência e de formosura, não me pertences senão pelo amor que dediquei a teu augusto pai; um dever sagrado me obriga a acompanhá-lo em seu exílio, através dos mares, a terras estranhas! Adeus, pois, para sempre, adeus! Mães brasileiras, vós que sois meigas e afagadoras dos vossos filhinhos, a par das rolas dos bosques e dos beija-flores das campinas floridas, supri minhas vezes; adotai o órfão coroado; dai-lhe todas um lugar na vossa família e no vosso coração. Ornai o seu leito com as folhas do arbusto constitucional; embalsamai-o com as mais ricas flores de vossa eterna primavera; entrançai o jasmim, a baunilha, a rosa, a angélica, o cinamomo, para coroar a mimosa testa quando o diadema de ouro a tiver machucado! Alimentai-o com a ambrosia das mais saborosas frutas: a ata, o ananás, a cana melíflua; acalentai-o à suave toada das vossas maviosas modinhas! Afugentai para longe de seu berço as aves de rapina,

as sutis víboras, as cruéis jararacas, e também os vis adutores, que envenenam o ar que se respira nas cortes. Se a maldade e a traição lhe prepararem ciladas, vós mesmas armai em sua defesa vossos esposos com as espadas, os mosquetes e as baionetas. Ensinai à sua voz terna as palavras de misericórdia que consolam o infortúnio, as palavras de patriotismo que exaltam as almas generosas, e, de vez em quando, sussurai ao seu ouvido o nome de sua mãe de adoção!

Mães brasileiras, eu vos confio este preciosíssimo penhor da felicidade de vosso país e de vosso povo. Ei-lo, tão belo e puro como o primogênito de Eva no paraíso. Eu vo-lo entrego. Agora sinto minhas lágrimas correr com menos amargura. Ei-lo adormecido. Brasileiros! Eu vos suplico que não o acordeis antes que me retire. A boquinha molhada de meu pranto ri, à semelhança do botão de rosa ensopado do orvalho matutino. Ele sorri, e o pai e a mãe o abandonam para sempre! Adeus, órfão imperador, vítima de tua grandeza antes que a saibas conhecer! Adeus, anjo de inocência e de formosura! Adeus! Toma este beijo! e este... e este último! Adeus! Adeus, para sempre, adeus!..."

Isso foi em 7 de abril de 1831.

A literatura da época, menos talvez do que a bondade ingênua daquela doce e excepcional criatura, guiou-lhe a mão sobre o papel, com certeza manchado de lágrimas, as saudosas lágrimas românticas...

Dona Amélia!... Tão linda, tão branca! Estou a imaginá-la agora, no instante da partida, conhecendo bem a triste verdade de nunca mais voltar... Vejo-a daqui, de um recanto da cidade que ela quis com todo o coração, a escutar os gritos de prazer do povo aglomerado, desenfreado, de alegria por ter vencido o imperador... Companheira incompreendida, dona Amélia nem pensa que está imitando o esposo... E está... A carta ao filho da sua antecessora é um monólogo para as platéias do presente e do futuro... Literaturazinha para comover as almas enterrecidas... Mas, Deus te perdoou, senhora, porque não fizeste de propósito...

## DANTE

Dante, entre os poetas maiores, é, com certeza, o mais citado. E é — depois de Shakespeare, tornado popular pela patifaria de alguns músicos que lhe transformaram tragédias em óperas — o mais conhecido. Para isso tem contribuído muito aquele busto que todas as pessoas que vão à Itália compram em Florença, numa quantidade regular e de vários tamanhos, para presente de viagem aos parentes e amigos. E não só o busto. Diversos jornalistas e inúmeros oradores, também. Encontrei, uma vez, na descrição de um suicídio, escrita evidentemente por um repórter de polícia, este pedaço: “E assim deixou de sofrer José Feitosa de Barros. O amor que, segundo o grande Dante, move o sol e as outras estrelas, moveu, da mesma maneira, o gatilho do revólver que pôs o ponto final àquela existência desgraçada.”

O “*Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*”<sup>\*</sup> toma parte em todos os discursos do tribunal do júri e da Câmara dos Deputados, em dia de oposição.

Uma senhora, das minhas antigas relações, viúva exemplar, quase avó nesse tempo, porque a filha única casara seis meses antes, deu-me a honra de fazer de mim, durante uma visita, o confidente das suas saudades. Contou-me como tinha amado o falecido, com que felicidade vivera 35 anos na companhia dele, e a dor, que ainda lhe doía, ao lembrar-se do momento da separação, quando o enterro saiu, por sinal que um dos enterros mais concorridos daquela época. Terminou: “— Ficamos noivos na véspera do Natal. Foi nessa mesma noite que ele, de repente, na sala de espera: “*La bocca me bacció tutto tremante*”<sup>\*\*</sup>.”

Não perdi o respeito que sempre me inspirou a boa senhora. Mas, nunca mais fui visitá-la. Por castigo, veio procurar-me, dias depois, um ex-condiscípulo da faculdade que teimou em chamar-me de colega, desde que entrou até que se despediu. O ex-condiscípulo sofrera um revés, não escutei bem qual, nem onde, nem quando. Um terrível revés: “— É isto, após tantos anos de existência venturosa. Ah! dizia com razão o imortal Florentino: “*Nessun maggior dolore que ricordarsi del tempo felice nella miseria!*”<sup>\*\*\*</sup> O colega pode emprestar-me quarenta mil réis?”

\* “Deixai toda a esperança, vós que entráis” (N. do E.)

\*\* “A boca me beijou completamente trêmula.” (N. do E.)

\*\*\* “Nenhuma dor é maior que recordar-se do tempo feliz na miséria!” (N. do E.)

## FOLHINHA...

— O senhor não gosta de arrancar, todas as noites, o número da folhinha?... Eu gosto. Antes de ir para a cama descansar do dia, acho natural que se destrua a etiqueta do dia... 23... rrrritt... 24... Mais um... menos um... Nisso, só uma coisa me aborrece: a recordação de acontecimentos históricos. Por exemplo:

ABRIL  
113 S. Adalberto 252  
**23**  
SEXTA-FEIRA  
Recuperação de Olinda  
1648

Ora, depois que vivi o meu 23 de abril de 1923, que me importam o 23 de abril de 1648 e a recuperação de Olinda?!...

## O JORNAL

No tempo em que a Torre de Marfim era um refúgio perfeitamente decorativo, o jornal sofria a fama de assassino dos escritores. Quem trabalha para as folhas diárias — afirmava-se — não pode fazer obra durável, páginas pensadas, livros sérios...

Hoje, um homem que percorresse os editores com um poema sublime ou um estupendo romance, sem ter publicado jamais um fragmento ao menos, em qualquer dos chamados órgãos da opinião pública, morreria esfalfado de ouvir recusas.

É um mal a importância da imprensa, por esse lado. Por outro lado, é um bem, um bem enorme. Sem a obrigação da entrega de originais, quanta coisa bela e interessante se perderia. A preguiça dos autores adiava tudo... E adiava para sempre...

De resto, a velha afirmação precisa de uma corrigenda. A imprensa mata os maus escritores. Os bons dão-se otimamente com ela.

João do Rio entregou a vida às colunas quotidianas. O milagre do seu imenso sabor aí está, resplandecendo em trinta volumes que envaidecem a nossa literatura.

Os quatro candidatos à vaga deixada por ele na Academia arranjaram nas mesmas quotidianas colunas a bagagem necessária à entrada no número dos herdeiros de Francisco Alves.

Cada um dos quatro pôde repetir à porta do Silogeu a palavra mágica:

— Imprensa!

Mas, como só havia uma cadeira, três ficaram em pé...

## PREGÕES

Os pregões dos vendedores ambulantes têm em mim um amigo enternecido. Gosto de ouvi-los, pela manhã, quando enchem a minha rua de ritmos descontraídos, anunciando frutas e galinhas, peixes e legumes, vassouras e ovos...

Se eu fosse músico, havia de compor uma ópera e meteria nela, à imitação de Charpentier, os pregões do Rio.

Há alguns que são contra os interesses comerciais do vendedor; fazem esquecer as palavras.

Este por exemplo:

— “Vai frango, vai galinha gorda”.

É um napolitano quem o canta, numa curva de sons, dolente, nostálgica... Escuto-o, mas não penso nos frangos e nas galinhas... Também não penso nas tangerinas e nas laranjas de uma garota de voz religiosa, que apregoa a sua mercadoria como se estivesse a cantar na ermida mais branca de Portugal...

Existe, entretanto, um vendedor ambulante que perturba terrivelmente o meu amor pelos outros. É um doceiro alto e magro. Sobe-me um frio, espinha acima, à aproximação dele:

Olha o doceiro,  
olha o doceiro,  
olha o doceiro  
particular...

Não se imagina a imbecilidade deste pregão. Parece um *shotisch* e parece um discurso de dia de anos...

## DIÁLOGO INÚTIL

- Que lindo luar!
- Lindo...
- Aposto que estava fazendo projetos...
- Não estava. Parei aqui porque gosto das ondas. De súbito, pus-me a pensar no filósofo Plotino. Conhece o filósofo Plotino?
- Vagamente. Vamos andando. Conte-me coisas desse filósofo.
- Plotino, que nasceu no Egito, pelo ano 205 depois de Jesus, dizia que o mundo, e tudo que o mundo encerra, é uma emanção do perfeito e um esforço para a perfeição. Explicava: há, esparsa sobre a Terra, uma inteligência universal, vinda de Deus. Essa inteligência se reparte em almas. As almas animam criaturas humanas, unindo-se a corpos formados da matéria informe. Depois, ao fim da vida, cada corpo voltará a ser matéria informe; cada alma irá reunir-se à inteligência universal; a inteligência universal se confundirá com Deus, no exílio. Será isto a verdade?
- Talvez seja, mas não inteiramente. Não creio que todas as pessoas componentes da humanidade possuam uma alma separada da inteligência que Deus atirou sobre a terra... Peço licença para acrescentar à idéia de Plotino uma pequena emenda...
- Pois acrescente.
- Meu amigo, vivendo como vivo, muita gente pode imaginar em mim um alheamento completo do que se passa diante dos meus olhos. A imaginação dos outros é um suave consolo. Entretanto, sou apenas um espectador silencioso. Não bato palmas nem dou vaias. Vejo. Ouço. Do que vejo e do que ouço, guardo, em geral, um ensinamento triste ou alegre. Tenho visto e tenho ouvido certos entes que nada apresentam da inteligência universal... Plotino disse metade da verdade. Há, também, e esparsa sob a Terra, uma universal estupidez. A inteligência vem de Deus. A estupidez vem do Diabo, que tem muito talento, mas é mau. Os entes, dos quais lhe falo, da bondade não sabem mais do que o nome, e a tolice, neles, é um estado de nascença.
- Será...
- É. E surge daí a divisão dos homens. Nunca lhe aconteceu ficar sozinho, de repente, no meio de uma turba aglomerada, ou durante a conversa de gente desagradável? Já, com certeza. Qual a explicação? O senhor, se me não engano, descende da inteligência universal, ao contrário da turba aglomerada e da gente desagradável...

*Diálogo inútil*

— Há muita gente desagradável, meu amigo.

— E há muita turba aglomerada... Mas, que beleza de noite! E como eu amo a cidade, assim, junto do mar, dentro do silêncio maravilhoso... As fadas despertaram, e andam, invisíveis, tecendo sombras entre as sombras das árvores. E nas águas, repare, as sereias nadam, sorrindo, luminosas, coroadas de espumas... Quem se lembrará, agora, da divisão dos homens! Tudo se esquece no encantamento de uma noite bela...

— E tudo se perdoa.

— Retiro a emenda. Plotino disse a verdade.

— A verdade...

*E o resto, o vento levou...*

## JOÃO DO RIO

Paulo Barreto, aquele maravilhoso João do Rio\*, foi o homem excepcional que, num país onde ninguém tem tempo para nada, tinha tempo para tudo. Diferente sempre, sempre inquieto, carregava dentro d'alma uma chama, viva, perene, de entusiasmo, que lhe trazia às palavras, em certos instantes, um divino esplendor. Em tudo que dizia, em tudo que escrevia, apesar do disfarce irônico, a sua bondade andava, feita de espanto e pena, sorrindo tristonha para os que não eram bons, acalentando com doçura os ingênuos, os simples, os desgraçados...

A morte que o colheu, rápida, sem agonia, em plena rua, foi talvez a realização de um desejo dele, que soube realizar todos os desejos. Os que lhe acompanharam a vida puderam sentir a vontade que o levava. Paulo quis ser a inteligência tornada energia, numa claridade maior, de instante a instante. E, por dias longos, de luta, foi revelando ao pasmo encantado, ou melindrado, dos que o olhavam, a elegância de um raro espírito, dono de uma capacidade de trabalho miraculosa, a desdobrar-se continuamente, continuamente a subir... Não achava pausa a sua curiosidade. O seu labor nunca encontrou desânimo. Por isso mesmo, escreveu num dos seus últimos livros:

Eu admiro os fortes. Admirar a força é saber resistir-lhe, é querer ser-lhe igual, é desenvolver a atividade para o ser. Os perigos não existem quando há a certeza de os enfrentar.

Venceu, indiferente aos apupos, indiferente aos louvores.  
Disse, um dia:

A vida outra coisa não tem sido senão uma conflagração de zeros contra alguns números afirmativos. Por fim, os zeros colocam-se no seu lugar, e o futuro não os vê para ver aumentadas pelos zeros à direita as afirmações das unidades que contam.

Ele foi um filho enamorado destas ruas, destas paisagens. Amou-as sempre. Quando voltava das viagens ia em visita de saudade a todos os bairros, a todos os recantos. Da viagem de agora, não há de voltar... Mas, é na terra carioca que está descansando, descansando enfim...

---

\* João do Rio teve duas obras reeditadas na BIBLIOTECA CARIOCA: *A alma encantadora das ruas* e *A mulher e os espelhos*. (N. do E.)

## HORAS MORTAS

Noite de chuva, de muita chuva, de chuva torrencial... Num bairro longe da cidade. O silêncio. E no silêncio, romântico, o apito do guarda-noturno abre, de quando em quando, um rasgão de melancolia... Encostado à esquina de uma rua, mais ou menos ao abrigo, o guarda civil pensa. Pensa que está pensando. O apito aproxima-se. Com ele surge o noturno.

— Boa noite.

— Boa noite.

No primeiro boa-noite há um imenso desejo de palestra. No segundo, apenas a vontade de não dizer mais nada. Depois de murmurá-lo, o civil continua na cisma. O outro, então, balança dolorosamente o *casse-tête*, olha a água que cai e arranca do fundo d'alma este suspiro:

— É muito triste esta nossa vida militar!

E lá se vai, encharcado. Some-se na escuridão. O silêncio. O apito. A chuva torrencial...

## BOA-TARDE...

Por que será que a gente, fatalmente, tem de usar um nome, um sobrenome; às vezes dois nomes, três sobrenomes?

Eu preferia que ninguém se chamasse, que todos fossem anônimos. Uns aos outros nos designaríamos não por José, Borba, Frutuoso, Araújo etc., mas pela palavra do sentimento que uns pelos outros sentíssemos, sempre diversa, ou pela palavra que desse a significação do que pensássemos uns dos outros. E cada qual a si mesmo, conforme as circunstâncias, se denominaria.

Esta idéia me veio agora, depois que fiz a barba, olhando-me bem pela primeira vez...

Eu devia chamar-me *Boa-Tarde*... Um *Boa-Tarde* amável, dito com doçura e com vontade de que a tarde fosse boa mesmo...

## INSPIRAÇÃO

Como eu lhe falasse de inspiração, o homem dos olhos humorísticos quedou, um instante, no seu “ar de horizonte”, como lhe chama. Depois:

— Às vezes, é uma lembrança. O primeiro pôr-de-sol que vimos, a primeira idéia que nos comoveu, ou um perfume antigo, um velho gosto, um som que ainda ecoa... ou qualquer coisa sobre a qual as nossas mãos pousaram... todo o nosso instinto, toda a educação da nossa alma... Às vezes, é um quadro, é um mármore, é um trecho de música... um verso, uma frase, uma catedral, um pardieiro... Sabe-se lá!... Renan, sentando-se para escrever, lia os poetas líricos. Jules Laforgue, se lhe perguntavam pelos livros, respondia: “Estou vivendo por enquanto...”. Anatole France, quando não chefiava anarquistas, ia à Itália exaltar-se nas crônicas das bibliotecas e nas paisagens ilustres. D’Annunzio, antes de revelar-se herói, exigia um cenário de luxo para compor os seus poemas, dramas e romances. Machado de Assis, sem que o percebessem, pesquisava em torno...

Mas seria um nunca acabar...

Eu lhe citaria todos os autores. Depravado (é bem esta a palavra) conheci um. Esse procurava a tolice. Só a tolice o inspirava. Imortalizou vários cretinos. Infelizmente para os restantes, morreu moço. Agora é que ele faria um livro excepcional.

— Agora? Por quê?

— Porque, com a transformação dos denominados elementos sociais, com essa chusma de macacos, fora dos respectivos galhos, a tolice chegou ao delírio. Que grande livro perdemos, meu amigo, que imenso livro!...

E o homem dos olhos humorísticos entrou num *taxi*, compungido.

## À BEIRA-MAR

Que lindo dia!

Perto do mar, nestas manhãs de agora, é uma alegria a vida. Junho, passadas as chuvas, abriu no ar um sorriso contente, um sorriso em que há ouro, violeta, cinza, entre a terra verde e vermelha e o céu azul e branco.

Não é “uma dessas orgias de cor que faziam rir os olhos de Rousseau”, como sentiu Fialho. É antes uma festa de primeira comunhão...

Os dias despertam virginais, com névoas que logo se esgarçam e desaparecem, batidas pelo sol, o sol de junho, amorável sol do mês dos santos mais festejados, para os quais sobem chamas de fogueiras irmãs daquelas cujo calor, antigamente, ia aquecer os deuses que adormeceram...

A graça e a beleza pairam sobre a cidade.

Que bom, viver!

Vou andando, feliz, e todas as criaturas que encontro são felizes da mesma felicidade. O mundo retornou à juventude.

Como esta luz é nova! Como este frio é alegre!

Há palavras de sabedoria soltas na claridade...

Vou andando, encantado. Vejo tudo pela primeira vez...

Na praia, saída das espumas, uma banhista parou. O vento álgido nem de leve a perturba. Tem qualquer coisa de estátua. Tem qualquer coisa de onda. Caminha, depois, a afundar com volúpia os pés brancos na areia. Deita-se, mais longe, harmoniosamente, cotovelos no chão, as mãos perdidas nos cabelos... E, sem pensar, talvez, mostra nas curvas do corpo o êxtase dos cisnes e a raiva das panteras... E está dançando, sem saber, tal qual os pássaros voam, as fontes correm, as folhas caem...

A dança é a inteligência e o instinto da natureza, é a sensibilidade do que parece morto, é o ritmo do que vai nascer... Atitude ou movimento, idéia ou imagem, a dança tudo envolve. As rosas abrem-se, dançando... Dançando, a fumaça se esvai...

Volto do mar. Não é mais dia e ainda não é noite. Nesta hora em que os deuses do silêncio acordam, Copacabana toma todos os meus sentidos. O horizonte sem fim, o cheiro de saúde que ascende das ondas, o gosto bom da neblina, a música das espumas, desmanchando-se, um afago sutil que pousa no rosto, que pousa nas mãos, tudo isso, isso tudo, lentamente, longamente me extasia...

*À beira-mar*

Trago a visão daquela banhista.

O estatuário Rodin gostava de repetir que o corpo da mulher é uma obra-prima. Essa obra-prima, o mar a revela, serena e pura, no deslumbramento original; desvenda-lhe a harmonia profunda, despe-a de ofensa com que a desvirtuam vestes e recatos.

O mar é mais inteligente do que nós pensamos, e desdenha dos nossos pobres preconceitos com um humorismo que não conseguimos compreender...

Foi do mar que Afrodita nasceu, numa alvorada de primavera. A memória do mar, escondida no mistério das águas, guarda a saudade desse natal radioso. E todas as mulheres que ele envolve na ondulação do seu amor renovam o mesmo milagre, o único milagre que se realizou no mundo...

## O CASO TRÁGICO DO CHAPÉU

— Ele veio à cidade para comprar um chapéu. Um que possuía desde o tempo da espanhola, isto é, desde o tempo em que a espanhola desaparecera... não sei se me explico bem: quero dizer que ele não tinha chapéu, ou por outra: tinha, mas estava tão usado, que já não era chapéu: era uma coisa velha, embora servisse ainda para tapar a cabeça. Não era este, entretanto, o fato ao qual eu queria me referir. O fato ao qual eu quero me referir é o seguinte: ele veio à cidade para comprar um chapéu. Isto é, não veio: o bonde é que veio; ele veio no bonde. Pois é verdade. Que é que eu estava dizendo? Ah! Sim. Ele veio. O bonde veio. Vieram Ah! ah! ah! ah! ah! Boa tarde!... Eu estava contando o caso de um sujeito que veio à cidade, mas não veio, vieram: ele e o bonde. O bonde de Engenho de Dentro, onde eu moro, não no bonde, no bairro; no bairro do Engenho de Dentro, que não se deve confundir com o bairro do Engenho Novo. Dentro é advérbio. Novo é adjetivo. Gramática, meus amigos. Ela separa os bairros de uma maneira eficaz. Olá, Luís. Eu estava contando o caso de um vizinho meu, que veio à cidade para comprar um chapéu...

Então, todos os que estavam ouvindo, enlouqueceram, à exceção do Luís que chegara atrasado...

## UM QUE CHEGOU DE VIAGEM...

Aldobrandino chegou de França. Veio triste, displicente, com esta informação:

— Não gozei quase nada.

Mas viveu em Paris; amou duas francesas e uma suíça; viu, dentro de um *landaulet*\*, o sr. Clemenceau, esteve no enterro de Sarah Bernhardt, e trouxe roupas brancas admiráveis.

— Você é injusto, Aldobrandino. Você gozou.

— Sim, um bocado, muito pouco. A guerra estragou a França. A guerra! que coisa horrível! Veja o meu amigo: homens que poderiam ser tão úteis à pátria, marcharam para os campos de batalha, e lá sucumbiram aos milhões. Quando uma criança nasce, os pais tomam providências, rodeiam-na de cuidados, evitando tudo o que possa fazer mal àquela vida em botão. E os pais ignoram o destino que está reservado à criança. Note, agora o absurdo: esses mesmos pais abençoaram os filhos em caminho para o *front*\*\* . Eu sou pacifista. Ainda há pouco tempo, o professor Bier, um sábio alemão...

Não pude ouvir o resto. Meti-me debaixo de um bonde...

---

\* Landau — carruagem de quatro rodas com dupla capota que se erguia e abaixava — pequeno. (N. do E.)

\*\* Frente de batalha. (N. do E.)

## SANTOS DE JUNHO

Todos os santos têm os seus devotos, mais ou menos pedinchões. Mas, os santos de junho, principalmente santo Antônio, s. João e s. Pedro, são os que recebem maior número de súplicas, e gozam de uma confiança unânime. Não há, no mundo católico, quem não nos estime, quem lhes não deva um favor. Ao contrário dos outros habitantes do céu, esses três santos milagrosos possuem uma virtude excepcional: a alegria, a alegria comunicativa que desce do reino da eterna bem-aventurança ao nosso vale de lágrimas, secando os olhos que choram, abrindo esperanças nas almas desesperadas.

Junho, com as suas manhãs cor de mel, os dias lânguidos, as noites de contos de fadas, junho frio, junho contente, passa tal qual um sorriso, e é o sorriso do ano, como o mês do Carnaval é a gargalhada...

Acendem-se fogueiras. Queimam-se rodinhas e pistolões, entre estalos e estrondos de bichas, bombas, busca-pés...

Velhas cantigas ressuscitam, frases remotas acordam, movem-se de novo gestos esquecidos, e a anedota humana continua sob as estrelas indiferentes...

## RESIGNAÇÃO

— *Viver para outrem...* Quando eu era pequeno, ouvi esta frase, algumas vezes, sem entender o que significava... Depois, na juventude, impliquei com ela, por causa do *outrem...* Agora, já menos longe da velhice do que da infância, estou simplesmente, inesperadamente, a viver para outrem... Acontece cada coisa à gente... Há destinos assim... Há outros piores. Imagine, por exemplo, que eu tivesse um dente de ouro!...

## COUSAS DO TEMPO

Rivarol, a quem o sr. Tristão da Cunha consagra as primeiras páginas das *Cousas do tempo*, descobriu, um dia, que os autores muito proclamados pelos jornalistas e pela admiração popular tinham este tormento na vida: o silêncio dos homens de gosto; trinta ou quarenta cabeças incorruptíveis, caladas diante de tanta glória... Entre nós, o sr. Tristão da Cunha pertence ao número, talvez menor do que trinta, dos que perturbam a felicidade dos "ídolos da multidão", cada vez mais célebres nas colunas da imprensa sem fim... Mas, esse escritor, de aristocracia puríssima, não guarda nenhuma intenção de embaciar o prazer alheio. Dentro do seu jardim, com as criaturas que ama, entre os canteiros serenos, à sombra das árvores, pensando, sorrindo, ele não vê o que se passa lá fora, não ouve o alarido da turba quotidiana. Por que deu, então, o título de *Cousas do tempo* ao livro que acaba de publicar? Por que o tempo é o jardim do sr. Tristão da Cunha. No regime de liberdade em que andamos, todos estão no direito de fazer do tempo o que entendem por melhor fazer... Há até pessoas que o perdem, simplesmente...

*Cousas do tempo*... Um poeta, disfarçado em filósofo, dizendo palavras de beleza, de sabedoria amável, delicado e irônico... *Cousas do tempo*, que não fogem com o tempo...

## A ÚLTIMA VERDADE

Havia entre os velhos ditados franceses um que dizia: “*Bonjour lunettes, adieu fillettes*”\*. Um ditado triste. Significava para os homens o dever de não pensar mais no amor quando chegassem à idade em que os óculos se tornam necessários... à idade da vista cansada... Havia esse ditado. Era um ditado de antes da guerra. Deixou de haver. Sumiu-se. Por quê?

Minhas amigas, durante anos terríveis, as batalhas contra os alemães diminuíram imensamente a população masculina no doce país do senhor Clemenceau. Para que os sobreviventes, seguindo a sabedoria da frase antiga, não se afastassem, chegados ao tempo de enxergar menos, as raparigas das margens do Sena foram, com prudência e espartezza, buscar às cestas das avozinhas, aqueles vidros emoldurados em tartaruga e ouro, aqueles vidros salvadores... Montaram-nos sobre o nariz risonho da moda. A moda adotou-os. Na cidade que ensina elegância a todas as cidades, os óculos são a descoberta mais recente. Eles espalham nas fisionomias bonitas uma graça que mais bonitas as torna. Derramam nas outras um certo ar de seriedade, muito eficaz para a idéia de casamento. De óculos, a gente moça volta a garota, e a gente passada nem mostra que passou...

Ah! moda benfazeja! Nas extravagâncias que ela esparrama, de estação em estação, nunca deixa de aparecer uma coêrência muito normal e um motivo de consolo para as criaturas de qualquer sexo. Depois da guerra, então, a moda não se fatiga de encantar os possíveis desencantados do planeta. Ressurgiu vestida de épocas longínquas, deliciosas épocas que se conservam em palavras e imagens, nos livros rendados pelas traças, nas estampas amarelecidas pela umidade dos séculos, nos quadros vagamente embaciados pela poeira filosófica... Mais: pôs todo mundo a dançar. Mais: meteu o *sport* na consciência desencantados do planeta. Ressurgiu vestida de épocas longínquas, deliciosas épocas que se conservam em palavras e imagens, nos livros rendados pelas traças, nas estampas amarelecidas pela umidade dos séculos, nos quadros vagamente embaciados pela poeira filosófica... Mais: pôs todo mundo a dançar. Mais: meteu o *sport* na consciência

---

\* “Bom dia óculos, adeus meninas”. (N. do E.)

*A última verdade*

universal... E mais, muito mais... Enfim, para que as mulheres vissem tudo através de alguma coisa, conforme o jeito sentimental da espécie, aceitou e difundiu os óculos. É preciso andar de óculos. As senhoras míopes, que levavam aos teatros, aos cinemas, aos bailes, o *face-à-main*\* de platina, trabalho custoso de ourivesaria, devem substituí-lo depressa por uns óculos, principalmente de armação escura, e bem grandes... Os empregados dos estabelecimentos de ótica não vão ter descanso. Os vidros subirão de preço. As janelas das casas, com certeza, serão menos numerosas, o que muito facilitará o arranjo dos interiores. Até os espelhos, dos quais tanto se abusa, hão de diminuir de quantidade. Os óculos estão na moda. Esta é que é a verdade. A última verdade...

---

\* Lornhão: instrumento formado de duas lentes engastadas em uma armação sem hastes e com um cabo, que se põe sobre o nariz. (N. do E.)

## VISITA

O medo que eu tenho dele! Ele é sub-reptício, inesperado. Bate, de repente. Entra. Diz:

— Boa tarde.

Senta-se. Fica, uma, duas, três horas, mudo, imóvel. Às vezes, dá uma pequena gargalhada, rápida, sem motivo. Outras vezes, murmura:

— Qual o quê!

Isso apenas e nada mais. Quando sobe as escadas, traz a convicção de que vem visitar-me. Chama visita ao suplício da sua presença. Debalde tento fazer com que fale. Em vão me esforço por tirar-lhe uma palavra. Inutilmente. Levanta-se, afinal. Aproxima a boca de um ouvido meu, sussura:

— 'té logo. Obrigado.

Sai. E eu vou tomar Valerianato...

## LA TENDRESSE

O final de *La tendresse*\* escandalizou muita gente, até gente admiradora “das anteriores ousadias” de Henry Bataille. No mínimo, o desfecho da comédia dolorosa foi qualificado de imoral. “É admissível, então, que um homem enganado pela amante, separado dela com violência, possa, depois de anos, por sentir-se velho e só, propor-lhe a vida em comum, junto do seu sucessor, um *ménage à trois*\*\* no qual lhe caiba unicamente o papel de alma?... É humana, tal resolução? É social, ao menos? Não é não!”

Assim se falava, quando terminou o espetáculo em que, como nunca, Germaine Dermoze envolvera a sala do Municipal na sedução da sua voz maravilhosa. De mim para mim, porque o caso se passara em destinos alheios, concordei. Qualquer final é bom, sendo bem escrito. A moral é uma solteirona impertinente, uma virgem de idade longa, que me aborrece um pouco.

Ao voltar para casa, ainda pensando naquela última cena, ouvi de um homem que conversava com outro, à esquina:

— Você tem toda a razão, é isso mesmo.

Não escutei mais nada. Mas fui dormir contente. A frase anônima, nova sempre apesar de muito repetida, tão irremediável, tão resignada, explicara a peça de Bataille e todas as peças deste mundo...

---

\* *A ternura*. (N. do E.)

\*\* “Casal de três”: marido, mulher e amante. (N. do E.)

## A INOLVIDÁVEL LIÇÃO

O homem tinha um ar absolutamente vegetariano, e disse:  
— Mil anos que eu viva, não hei de esquecer o discurso que Rui Barbosa fez em Campinas, na propaganda contra o Marechal. O teatro estava à cunha. Gente por toda a parte. Gente patriótica. Gente ansiosa por ouvir a grande voz augusta do defensor da liberdade. Ele surgiu no palco, e as palmas estalaram durante mais de meia hora. Depois, o conselheiro começou a falar:

“Minhas senhoras, meus senhores. Porque isto, porque aquilo; e tal, e coisas; e patati, e patatá...” E foi por aí fora, sublime, extraordinário, genial. Que discurso! Que lição!

## O PARENTE MAIS VELHO

Nunca vi Portugal, na imaginação que ele me deu, como um país, uma pátria mais antiga, de paisagens doces de olhar, criaturas boas de querer. Portugal sempre me apareceu em imagem humana, com a figura alta e forte de um ancestral ainda vivo, um velho parente bem-amado, que morava longe, há muitos anos, e do qual, nos serões da infância, tantas aventuras lindas, tão doidos heroísmos me contaram...

E foi assim que o esperei, naquele sábado de junho, vindo através do nevoeiro, nas asas brancas de um avião, enquanto os navios e as fortalezas salvavam, os sinos e as sirenas cantavam, e, pelas ruas, pelos morros, junto do mar, em cima das casas, a gente toda tinha os olhos postos no céu...

A bênção, Avozinho!

## SIMPÁTICO

Foi para ele que inventaram esta qualificação — a simpatia em pessoa. Que homem simpático! Cinquenta e três anos. Anda no meio-termo, quanto à altura. Na largura, excedeu-se um pouco. Carrega uma barriga notável, pernas atarracadas e o rosto em folhetim, continuando pelo espaço abaixo. Bonito. Um velho bonito. Digo velho, com afeto, porque velho é um apelido carinhoso. “Meu velho” e “minha velha”, por exemplo, constituem a paz dos lares. Além de várias e interessantes qualidades domésticas e mundanas, ele possui, elevado à máxima potência, o dom de admirar. Admira tudo. Tudo para ele é ótimo. Pois esse homem tem uma irmã gêmea, intransigentemente pessimista. Filhos do mesmo par, nascidos ao mesmo tempo, criados juntos, um descobre na vida motivos de unânime louvor, a outra vê apenas aborrecimentos, tristezas, infelicidades. Encontrei-os, segunda-feira, manhã cedo. Ele sorria, do chapéu aos sapatos. Ela caminhava, rancorosa, a investigar as vitrines, os veículos, os transeuntes.

— Bons dias!

— Olá!

— Como passa?

Os “bons dias” foram meus, o “olá”, dele. O “como passa”, dela. Desciam a rua, depois de alguma missa, uma senhora, três raparigas e um menino, de luto fechado. Ela cravou a vista naquelas cinco pessoas inofensivas e murmurou, do fundo de um desprezo terrível:

— Cruzes! que coisa ridícula! uma família inteira de luto!

Em cima da maior delícia, o irmão segredou-me, maravilhado:

— Que bonitas moças, doutor!

E lá seguiram os dois, de sexo trocado, o azedume e a doçura. Fiquei sozinho, com um bocado de cada um...

## PEQUENAS CONSTATAÇÕES

Os maus exemplos, dos quais tanto se queixam as pessoas sérias, não vêm da gente sem juízo — da gente desequilibrada, como lhe chamam. Não. Os maus exemplos são espalhados precisamente pelas pessoas sérias. O que elas dizem, o que elas fazem, a gravidade das suas atitudes, a veemência das suas opiniões, tudo que constitui o modo e a razão de existir dos “homens de caráter”, das “senhoras impolutas”, tudo isso desperta a mania da contradição, muito espalhada entre os mortais. Se há vícios neste mundo, a culpa é dos que se manifestam contra eles. Se não escrevessem nos jornais coisas alarmantes sobre a cocaína, se a polícia não perseguisse os vendedores da *poudre folle*\*, pensam que a cidade estaria cheia, tal qual está, de cocainômanos?... Não estava. Eu, por exemplo, até aos vinte anos, não fumei. Mas, num inverno, adoeci da garganta e o médico, a quem fui procurar, proibiu-me o fumo... Desandei a fumar, desde aí. E não tenho motivos de queixa... Também não me arrependo de pensar ao invés de numerosos moralistas... A moral comum parece-se muito com os provérbios... Ai de quem se fia nos provérbios...

A dor é útil! — assegurou-me, há dias, um filósofo, que foi dentista e enriqueceu...

As mulheres feias acham sempre as modas exageradas...

O meu jardineiro teima em chamar os lírios de “copos de leite”. Tentei, várias vezes, revelar-lhe, incutir-lhe a verdade, a pequena verdade. Ele respondeu que toda a gente diz que é “copo de leite” o nome daquela flor. Aí está a razão por que não há lírios neste país...

Não convém contrariar ninguém...

Artista! Esta palavra é a que mais nobremente qualifica um homem. Artista! E logo todas as honras lhe são concedidas, e logo se cria em torno dele um ambiente de admiração e respeito. Entretanto,

---

\* Pó, poeira louca. (N. do E.)

*Pequenas constatações*

num certo meio, artista é sinônimo aproximado de inútil, quando não é de coisa pior... Ora, isso me entristece um pouco. Não pelos artistas. Mas, pelos que lhes julgam os trabalhos com uma espécie de superioridade sardônica, que é, em silêncio, a forma viva e visível de um relincho...

Os cretinos são insuportáveis às segundas-feiras...

A verdadeira capital do Brasil fica entre a rua São José e a rua do Ouvidor... É ali, à sombra dos palácios e das árvores, o agitado mostruário da população carioca. A política, a literatura, a elegância, a inteligência, a tolice, a riqueza, a miséria e outros substantivos mais ou menos femininos passam sobre aquelas pedras miúdas das três quadras fatais, todos os dias... Passam... Só ficam os guardas-civis ensinando a andar na mão...

Confia em ti. Mas, antes, trata de saber se podes. Se não pudes e confiares, ficas aborrecido para o resto da existência...

Só as pessoas que não gostam de nós sabem, na verdade, como somos. As outras andam sempre a descobrir defeitos que ainda não temos...

A felicidade assemelha-se a um bilhete de loteria, antes de andar à roda...

Quando uma mulher que tu conheces há muito tempo, sem outras intimidades, de repente, um dia, conversando contigo, endireitar a tua gravata — podes fazer dela o que quiseres...

Ainda se discute a propósito da utilidade dos críticos. Os escritores louvados são a favor. Os outros são contra. O público, felizmente, não se interessa pela discussão.

Parece-me que os críticos não deixam de ser úteis. A alguns, eu, por exemplo, devo a ampliação dos meus conhecimentos literários... Se eles não houvessem constatado a profunda influência exercida sobre mim por certos autores, com certeza eu nunca leria esses autores...

Já Jesus Cristo dizia, e a sociedade republicana provou: somos todos iguais. Agora, principalmente, depois da guerra, com a integral democracia realizada, não há mais diferenças. A sem-cerimônia passou por cima da multidão uma plaina afiada e rápida... Somos todos semelhantes... Isto, por displicência sentimental, não deixa de ser bonito. Mas, para os encontros da vida quotidiana, é terrível.

É costume afirmar-se que o Brasil tem poetas demais. E é um mau costume. Os poetas nunca são demais. Eles descansam dos aturimentos quotidianos, dão a ingenuidade e dão o sorriso, tornam melhores quem os encontra, numa hora de fadiga, num instante de pesar. Irmãos daqueles que, outrora, sob o sol novo, na chama das alvoradas e no fumo dos ocasos, falavam de amor e de sabedoria, os poetas são, dentro do tempo, as vozes do silêncio, vozes que sobem, eternas, ensinando aos homens desencantados um desejo mais perfeito, uma bondade mais universal...

No outro tempo, quando os rapazes não davam *mesmo para nada*, os pais, que haviam tentado fazer deles homens notáveis, desesperavam-se diante de tanta incompreensão e resolviam mandá-los para o comércio.

Hoje, o jornalismo absorve todos esses rapazes. Lucrou o comércio, que se encheu de gente atilada. Os negócios, de uns anos para cá, segundo ouvi dizer, exigem inteligência e noção das coisas...

O bem supremo é o bom humor... Demócrito tinha razão. Mas no tempo dele, o bom humor era fácil. O mundo andava no encanto de uma raça contente. A vida bela sorria em tudo, desde o céu, que não punha terrores nas idéias, até as fontes, onde a imagem de Narciso se refletia. Hoje, a água das fontes é triste. Narciso morreu... E para além das nuvens, está o Deus da nossa infância, o *Deus que castiga*...

Uma das mais teimosas preocupações da humanidade moderna é a fotografia em jornais e revistas: o retrato, espalhado, visto por muita gente, no bonde, nos cafés, dentro de casa... Mulheres, homens, velhos e crianças, todos querem aparecer... Há quem se mate para realizar, assim, o desejo da vida inteira... Inúmeras pessoas só casam para isso... Agora mesmo, acabo de ver, numa folha diária, o *cliché* de um cavaleiro, ferido pela amante, com cinco tiros ferozes. Deitado na maca da Assistência, ele já tem um dos olhos fechados pela morte; mas, com o outro, ainda vagamente aberto, fixa, enternecido, um ponto no espaço, posando para o fotógrafo...

Pensar não é, decerto, um hábito dos nossos poetas. Se aquele príncipe da comédia de Shakespeare ressuscitasse no Brasil, ficaria contente por ter voltado à vida, ele que, na sua biblioteca, queria apenas livros bem encadernados e falando de amor... Mandaria fazer as encadernações na Europa, e os livros, achá-los-ia aos milhares aqui, sob o Cruzeiro do Sul... Raro será o livro brasileiro que não fale de amor...

Pierre Nozière, que é um disfarce amável de Anatole France, conta de certa criada, vinda para o seu serviço, do fundo ingênuo da Bretanha, com o mar nos olhos, um vôo de gaivota preso nos cabelos e a puríssima simplicidade na alma. Como a rapariga nunca saía, Pierre Nozière deu-lhe férias, um dia: — que ela fosse visitar Paris... E ela foi. Voltou, à tarde, maravilhada. A grande capital não lhe parecerá feia, mas tinha visto, numa quitanda, uns rabanetes sublimes...

Ignoro se essa criada de Pierre Nozière casou. Mas, sei que deixou uma enorme descendência...

Para as mulheres, pentear é um verbo importante, tão importante que o substantivo vindo dele faz parte das vitórias femininas... O penteado, na ofensiva da paixão, ficou sendo a grande arma irresistível. É o penteado que dá à fisionomia *aquele não sei quê* logo transformado pelos homens em sentimento, nas suas almas sempre abertas... A imagem que os homens guardam das mulheres é a imagem de um penteado...

O que aborrecia, nos versos das nossas poetisas de antes da guerra, era a masculinização dos seus sentimentos, a forma rija de que os vestiam, impecáveis... Versos de fraque... Agora, nas musas novas já reveladas e nas que vão aparecendo, as mulheres andam bem presentes, e dizem da vida com aquela sabedoria ingênua e a mesma graça deliciosa que têm quando não escrevem.

Toda felicidade que faz falar é sempre vinda de uma grande tolice...

O meu maior prazer é mudar de opiniões. Mudando-as, evito tê-las. E assim consigo a maneira mais alegre de não envelhecer...

Eu gosto de adiar. Deixo sempre para amanhã o que posso fazer hoje. Enquanto não faço, ensaio. Enquanto ensaio, divirto os que estão ao meu lado. O grande público que espere...

## DE VOLTA DE UM ESPETÁCULO

Lucília Simões extasia e desvaira, com o seu corpo felino, ao mesmo tempo vertiginoso e descansado. Não lhe bastam os cinco sentidos da gente humana. Ela inventa outros, cada noite, consciente e alucinada... Dentro dos gestos da sua elegância estranha, feita de beleza e fealdade, vêm todas as evocações. Essa artista, que não agrada às turbas numerosas, consente, entretanto, em aparecer no repertório aplaudido. Nascida para revelar criaturas, ela não se importa de interpretar papéis, com exceções bem raras. Mas a saudosa *Nora* põe nas cenas em que toma parte um ar tão diferente, que, pouco e pouco, envolve as almas numa comoção profunda, e há mãos que instintivamente se estendem para o palco, onde a mulher, toda a mulher, vive, real, eterna, por uns instantes que passam...

## OLEGÁRIO MARIANO

— Alô... É você, Álvaro? Eu estava sozinho no meu quarto. Olhava o céu. Uma andorinha ia e vinha pelo céu. Fiz estes versos:

### CANÇÃO TRISTE

*O vento é manso, a tarde é calma.  
Chora uma fonte... Que haverá pela minh'alma?*

*Há pouco, o meu perdido olhar  
Sem ânsia, sem desejo,  
Vagamente se pôs a acompanhar  
No espaço azul a desvairada linha  
Que uma andorinha abriu no espaço...  
Tão triste e tão sozinha!*

*— Se ela voltasse! Foi tão nervoso o seu beijo!  
Tão doloroso o seu abraço...*

*Que saudade me trouxe esta andorinha!*

Já sentiram que são versos de Olegário Mariano... E tão lindos, que os decorei logo.

Durante dois meses, a rua ficou sem o seu poeta. Fechado em casa, perdido na cama, mais magro, com os olhos alongados pelas olheiras, ele não perdeu, entretanto, o prazer da vida e do trabalho.

Fez versos, fez crônicas, fez até vagas perversidades. E mais que tudo isso: escreveu um pequeno ato: *Arlequinada*, cheio de sensibilidade e cheio de graça, elegante e perturbador. Só por essa *Arlequinada*, não quero dizer mal da doença que o prendeu tanto tempo e da qual voltou, trazendo nas mãos ainda trêmulas a *Cidade Maravilhosa*.

O nosso ancestral Honoré de Balzac dizia que, para um artista alcançar a glória, tinha que conseguir, primeiro, a admiração das mulheres. Olegário Mariano, sem querer, sem saber, unicamente pelo encanto da sua musa enternecida e lânguida tomou conta, há muito, das almas femininas do Brasil. A glória, pois, está com ele.

E não são apenas as mulheres que o admiram. Quem deixará de admirá-lo na suave espiritualidade de tudo que escreve?

Olegário Mariano

A *Cidade Maravilhosa* tornou mais bela a nossa bela terra carioca: deu-lhe o ritmo envolvente de uma juventude sempre nova, nunca exausta de cantar, como as cigarras. Dela nos ficam as paisagens noturnas, de melancólica evocação, sob a chuva e à luz do luar, com o vício errante, o *cabaret*, o amor, o vagabundo lírico... Depois, a estrela tresmalhada, confidências sentimentais, coisas passadas, coisas perdidas... e a guardar tudo, aquela rapariga a quem ele diz adeus ao fim de um sonho, mas que a gente bem adivinha que não se vai embora, aquela rapariga, “folha morta, quase menina” — sorriso doce que caiu dos lábios da vida e ficou sorrindo docemente...

Ela é a poesia de Olegário Mariano.

## SINA

Pensando bem, sem vaidade, nós nos parecemos muito com os gramofones. Reparem, escutem, nas ruas, nas confeitarias, nos *bars*, ao anoitecer. Toda a gente assobia, trauteia, cantarola: simples melodias populares, trechos de óperas, frangalhos de operetas, músicas de danças, marchas militares... Caminhem, ao longo da Lapa, entre as onze e a madrugada, quando faz luar. Em cada esquina, ou junto do jardim, ou à sombra jurídica de Teixeira de Freitas, encontrarão um enxame de vultos femininos e melancólicos. Todas as canções de Paris, e árias da Rússia, da Polônia, da Áustria, e o fado e a modinha saem daquelas bocas e perdem-se no ar... Entrem num *club*. Acerquem-se das mesas. Diante dos copos pela metade, mandolinatas murmuram, estalam evocações de castanholas, e o *Luar de Paquetá* abusa do seu prestígio nacional... Nas salas de espera dos cinemas, nos teatros, nos grandes hotéis; na hora em que as missas acabam, nas corridas, nos campos de *football*, no *footing*, nos *restaurants* elegantes e nos outros; nas casas confessáveis e nas inconfessáveis; em Copacabana, na Tijuca, no alto do Pão de Açúcar, no Saco de São Francisco, aqui, ali, lá, em qualquer parte onde exista um ente humano, homem, mulher, velho, criança, existe um gramofone... Que havemos de fazer? É sina... Podia ser pior...

## ANTÔNIO FERRO

Antônio Ferro, imprevisto, escandaloso, fascinante, é o artista mais novo de Portugal. Não teve mestres. Tem discípulos. Passado, para ele, é uma palavra sem sentido. Ele só entende o futuro. Ouviu que falavam muito de saudade, desandou a desejar. Não escreve hoje. À sua poesia e a sua prosa, uma disfarce da outra, são feitas sempre no dia seguinte. Desdenhoso, acredita em tudo que ainda não foi. Irreverente, olha as criaturas e as coisas numa delícia de amor. Não sabe sorrir. Dá gargalhadas. Porque nasceu e vai vivendo no tempo do cinematógrafo, arrumou um *studio* colossal, dentro da inteligência. Trabalha a valer. Compõe enredos, pinta cenários, dirige, fotografa, representa os numerosos papéis. Depois, exhibe as produções. E não se preocupa de agradar ou irritar a platéia. Assim, apresentou a *Teoria da indiferença*, *Leviana*, *Árvore de Natal*, *Gabriele D'Annunzio e eu*, versos, crônicas, conferências... — *films*...

Fui visitar esse homem todo no Palace Hotel. Escutei-o, encantado, uma tarde inteira.

Fora, na Avenida, era noite de inverno, quando saí. Entretanto, em torno de mim, em mim, havia sol e um perfume envolvente de primavera.

Quem inventou que Portugal tinha ficado velho?...

## FALSIFICAÇÕES

A polícia descobriu uma fábrica de capas inglesas no Rio. Não há muito, a polícia descobriu no Rio uma fábrica de charutos de Havana, uma de perfumes das mais afamadas casas de Paris, uma de *champagne* de Reims. O café, produto nacionalíssimo, também se falsifica no Rio. E muitas outras coisas mais...

Ora, nesse andar, a capital do Brasil dentro em pouco, será como a capital da Alemanha.

Há tempos, um jornal de lá, o *Berliner Tageblatt* (conta o sr. Teodor de Wyzewa), patrioticamente declarou: "A nossa cidade faz também grandes negócios com a produção de diamantes; ela, porém, só produz diamantes falsos".

Tudo se falsifica em Berlim, os diamantes e o resto. Os raros estabelecimentos comerciais que pretendem vender mercadorias autênticas colocam, nas suas fachadas e nas vitrinas, cartazes com letras enormes, avisando: *Echt! Echt!* (Verdadeiro! Verdadeiro!).

Mas, quase sempre, esses cartazes também são falsos...

Parece que o Rio caminha para um fim semelhante...

## QUE BELEZA!

A senhora Alda Garrido, denominada nos anúncios do teatro Carlos Gomes: "o Fróis de saias", é a mais encantadora *mascotte* dos palcos nacionais. Sem saber, essa criatura vai espalhando pela cidade um otimismo sem fim... A exclamação que ela repete, todas as noites, de um jeito tão contagioso, anda já em bocas antes fechadas a qualquer frase de louvor:

— Que beleza!

As fisionomias vão perdendo os ares carrancudos. Os assuntos amenizam-se. Diante de tudo, a gente carioca, feliz, murmura ou grita:

— Que beleza!

A senhora Alda Garrido, como espalhadora de boa sorte, só tem uma rival: a senhora Célia Zenatti. A senhora Célia Zenatti não se cansa de dizer:

— Ih! eu gosto...

Não há nada de que ela não goste...

E é por isso que cada um dos habitantes destas paisagens, pouco se importando com os ciúmes dos outros, confessa bem simplesmente:

— A Alda Garrido! Que beleza!

— Ih! eu gosto de Célia Zenatti!

## TRANSEUNTE

Era linda e pequenina, do tamanho de uma grande boneca. Trazia um chapéu vermelho escondendo os cabelos negros. Tinha a boca da cor do chapéu e os olhos da cor dos cabelos. Dizia que se chamava Nilza. Mas, um senhor de Minas Gerais, que nos encontrou juntos, veio informar-me (não sei por que...) que o verdadeiro nome dela não era Nilza. Nem me lembro já do verdadeiro nome dela. Há tanto tempo que isso aconteceu. Não me esqueci, entretanto, de uma chusma de tolices que fizemos. Coisas de crianças sem maldade. Houve até um silêncio longo entre nós dois... Foi a nossa tolice maior, naquele dia. Depois, ficamos a esperar... E não sabíamos o que esperávamos... Eu murmurei por fim: "Até amanhã?" Ela respondeu: "Se Deus quiser..." Deus não quis... Estou errado?...

## EM AGOSTO DE 1921

Dando o motivo por que relutara em ler um romance de George Ohnet, Anatole France explicou, em certa crônica de jornal, hoje célebre: “Faço o possível para evitar na vida o que me parece feio. Receberia tornar-me muito mau, se fosse forçado a viver diante do que me desagradava, fere e punge”. Não é uma lição magnífica? Como a aprendi e a sigo, deixei de ir ver os estragos da ressaca. Tenho ouvido falar deles. Várias pessoas, amadoras de hecatombes, as quais nem sempre consigo evitar, já me contaram coisas desgrenhadas a respeito. Uma dessas pessoas, no delírio da narração, segurou-me os ombros, nervosa, espantada de tanta falta de curiosidade, e pôs o maior entusiasmo neste grito: — “É o belo horrível, meu amigo! O belo horrível!” Coitada da minha praia! Fico a pensar nessa paisagem que, antes da fúria do mar, era alegre e era linda. Tão linda, tão alegre! Na curva harmoniosa, desde o Leme até à fortaleza, havia um encanto sempre diferente, uma elegância nunca repetida. Ao jeito daquele relógio de sol, descoberto por Maeterlinck, ela só marcava as horas de ventura... Pagã radiosa, sem temores e sem arrependimentos, alongava a sua graça, à cadência das ondas, voluptuosa e pura, fresca e aromal. Agora, em escombros, os entes maravilhosos, que a habitavam, decerto desapareceram. Um ar de Idade Média tomou conta da minha praia... Não vão mais, pelo passeio alexandrino, ao cair da noite, os devotos de Ártemis, invocando a virgem luminosa com as palavras serenas de antigamente: — “Casta divindade que resides nas florestas. Rainha augusta em quem persiste sempre a idade florescente. Deusa dos bosques, vem a nós. Sê-nos benigna. Traze-nos os frutos deliciosos da terra, os dons abençoados da paz, a saúde preciosa. Afasta todos os males para montanhas longínquas”. Que se escutará ali, no descalabro das ruínas, senão a mesma voz que, há dois mil anos, anunciou a morte de Pã? A mesma voz desesperada, a clamar: — “Salve, Rainha, Mãe de misericórdia... A vós bradamos, os degredados filhos de Eva; a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas”...

## CASTRO ALVES

A ressaca e o desastre da Central debelaram o delírio literário que envolvera a nossa população por causa dos cinquenta anos da morte de Castro Alves. Castro Alves deu na gente do Rio tal qual a gripe espanhola e outras epidemias nacionais e estrangeiras. Era difícil encontrar-se quem não estivesse com Castro Alves. Um pavor. Os micróbios foram espalhados pelo sr. Afrânio Peixoto, que, apesar de ser uma das mais bonitas inteligências da cidade, possui a atenção de um público de maioria, crente no que ele afirma. E ele afirmou (porque não admitia resposta negativa), afirmou, ao fim da última conferência sobre o vate condoreiro, depois de citar-lhe pedaços eloqüentes: — “Vós me direis, agora, se Castro Alves não foi e não é, portanto — o primeiro poeta brasileiro!” — Ficou tudo doente. O único medicamento aconselhável, estava nos dois volumes das *Obras completas* do homenageado, postos à venda, por dezesseis mil réis, no início da comemoração, ao jeito do “libreto da ópera em português”, apregoado pelos *camelots* em frente ao Municipal. Só Castro Alves lido salvaria de Castro Alves escutado. Poucos, entretanto, puderam adquirir aqueles volumes, em consequência da “terrível crise financeira”, que, segundo dizem: “assola o país”. Felizmente, os gênios protetores da terra carioca promoveram a revolta do mar e, em seguida, as mortes e os ferimentos na Estrada de Ferro — sensações empolgantíssimas. E Castro Alves voltou a contar com a admiração merecida pelos impulsos da sua idade, que é, na biografia dos homens, a idade da oratória, quase nunca aproveitável, mas sempre interessante. O primeiro poeta brasileiro, não. O primeiro poeta brasileiro foi Bento Teixeira Pinto, autor da *Prosopopéia*.

## LEGENDAS PARA CARICATURAS

- Que vestido horrível, o da Nair! Repara.
- Cala a boca. Ouve.
- Que é isso?
- César Frank.
- Ah!
  
- Meu Deus! Como o senhor está acabado!!
- E o senhor... como está conservado...
  
- E se eu morresse, uma noite, nos teus braços, meu amor!
- Ah! isso... seria o diabo...
- É verdade que o poeta Verlaine bebia muito?
- Já leu os livros de Verlaine?
- Não.
- Então, para que quer saber?
  
- Se tu não me quisesses mais, era capaz de me matar...
- Tens um palitinho aí?
  
- Que é isso?
- Rapé.
- Está tomando rapé?
- Estou.
- Que idéia!
- Meu amigo, são tão raras as idéias, ultimamente... Tive esta e aproveitei-a logo. Desculpe, sim? O rapé é a cocaína dos pobres...
  
- Oh! *fox-trot* bom!
- Vamos dançar?
- De quê?
  
- Muito prazer em conhecê-lo pessoalmente. Já o conhecia bastante de nome.
- Como é mesmo que o senhor se chama?
  
- Pode ser muito bonito, pode ser muito engraçado... mas, palavra de honra, não entendo nada da gente nova!
- Veja o senhor para que serve a palavra de honra...

## FECHO DE INVERNO (1921)

O fim da estação pertenceu aos poetas. Nunca, antes de 1921, eles tiveram mais admiradores, e nunca preocuparam tanto as sensibilidades... Foi, primeiro, Paul Fort. Depois, Guilherme de Almeida. E um encanto inesperado encheu as tardes da Avenida. As conferências, na Biblioteca, sobre os mortos que deixaram versos, as horas na sala da senhora Ângela Vargas Barbosa Viana, o concurso da Academia, o recital da senhorinha Margarida Lopes de Almeida (que seria a nossa maior artista teatral, se quisessem, de verdade, fazer o teatro brasileiro) e os livros recém-publicados deram aos últimos dias do tempo elegante do Rio, a ilusão de ser ainda aquele tempo em que a rainha Maria Antonieta reunia em Versailles, quando as águas cantavam, os últimos homens inteligentes do século XVIII. E houve, no mundo das musas, um acontecimento sensacional: o poeta Felipe D'Oliveira ressurgiu. O autor da *Vida extinta*, que trocara as palavras rimadas pela prosa magnífica, reabriu, um dia, o seu Baudelaire e teve que traduzir a *Invitation au voyage*\*, maravilhosamente. Agora, já na primavera, resta, como recordação dos meses excepcionais que acabaram, o *Jardim das confidências*, de Ribeiro Couto, jardim de inverno, com acalantos de estufa, figuras de sonho, frases que despertam no silêncio, e que ficam dizendo, longamente, coisas de ternura, de ironia, de saudade... E restam os *Escombros floridos*, de Onestaldo de Pennafort, um menino quase e já dono da sua arte, na qual há um pouco de flor e um pouco de mulher...; e *Madrugada*, de Castro Lima, promessa de um dia belo; e, *Na penumbra do sonho*, de Maria Sabina de Albuquerque, onde à procura da luz, aparecem, de página em página, esplendores e reflexos; e o *Outono*, de Mário Pederneiras, as páginas derradeiras daquele doce e caricioso Mário Pederneiras, puro entre os poetas, bom entre os homens.

---

\* Convite à viagem. (N. do E.)

## PRIMAVERA

A semana que ontem acabou foi, com lirismo e com verdade, a semana das rosas e do luar...

Nunca a cidade teve, como nesses últimos dias, tantas e tão lindas rosas, e um luar mais belo ainda não caíra sobre a terra carioca.

As ruas, no sonho das horas mortas, pareciam de um país estranho, daquele velho país, cuja paisagem incerta mais ou menos todos nós já vimos, uma vez, muitas vezes, surgindo do fundo da nossa memória, à evolução de alguma frase, de algum ritmo sem sentido...

Há uma palavra viva que resume o encanto da semana que ontem acabou:

— Primavera.

Foi a Primavera que encheu de rosas os canteiros e de luar as calçadas...

Bem-vinda sejas, Primavera!

## BENJAMIM COSTALLAT

Se há um autor novo que caiu no gosto do público, ele é Benjamim Costallat\*. Apesar de ter talento e de escrever bem, Benjamim Costallat conta com milhares de leitores, sempre à espera dos seus livros para esgotá-los em poucos dias. Foi assim com *Da letra F n. 2*, com a *Luz vermelha* e os *Modernos*; foi assim com *Mutt, Jeff & C<sup>a</sup>*. O fenômeno repetiu-se com *Depois da meia-noite...* Voaram logo os quatro mil exemplares da primeira edição. Entretanto, palavra de honra, *Depois da meia-noite...* é um livro excelente. Dizem que Benjamim Costallat consegue vender tanto, porque põe escândalo em tudo que lhe sai da pena. Esse homem turbulento não faz isso de propósito. Conta a vida. A vida é que é escandalosa. Escandalosa até na dor. *Depois da meia-noite...* é todo feito de dor: dor das grandes cidades e das pequenas criaturas, dor de amar, dor de desejar... A prosa arrepiada de Benjamim Costallat vai dizendo as histórias verdadeiras, tão verdadeiras que parecem inventadas... Vai dizendo, como se fosse uma voz de ternura e desespero que falasse... Eis aí o segredo do seu agrado: a sinceridade ao alcance de todos...

O mesmo êxito encontrou *Cocktail*, o mesmo êxito espera *Made-moiselle Cinema*.

Cinematografia em que as palavras fazem de intérpretes... *Guignol*\*\* com todos os fantoches do mundo... Bailado russo... Dança americana... Tango... Maxixe... Aí está a arte de Benjamim... Aí está o chamariz de Costallat...

---

\* O autor mereceu a reedição de uma de suas obras, *Mistérios do Rio*, na coleção BIBLIOTECA CARIOCA. (N. do E.)

\*\* Teatro de fantoches. (N. do E.)

## DANÇA AO SOL

As modas que vêm de França são logo adotadas e muitas vezes ampliadas aqui. A marca de Paris é a irresistível marca. Vestidos, chapéus, sombrinhas, sapatos, luvas, lenços, perfumes, idéias, e o grande resto — tudo que chega da cidade-alma encontra uma enorme e bem escolhida clientela entre nós. Entretanto, ainda não quisemos receber as danças antigas, os bailados gregos, à luz do sol, sobre a terra nua... Seria lindo. Isadora Duncan, quando deu ao Rio a sua evocadora sedução, dançou, uma tarde, em Copacabana, diante do mar. E nunca a praia maravilhosa foi mais bela. Por que não bailarão assim as cariocas, agora que a primavera voltou?...

## A PALMEIRA

Diante da janela, pela qual, às vezes, alongo os olhos, meio nostálgico, há uma palmeira, uma velha palmeira risonha, que balança ao vento as suas folhas... Quantos anos terá ela? Muitos. Mas, tão feliz se mostra, tão indiferente ao que se mexe embaixo, na repetição de todos os dias, que me parece, quando a espio, a imagem entre o céu e a terra desta frase consoladora: *je m'en fiche*\*...

---

\* Estou pouco ligando... (N. do E.)

## RIBEIRO COUTO

Entre os autores modernos da nossa literatura, nenhum é mais impressionante do que o sr. Ribeiro Couto. Dono de uma sensibilidade sempre atenta, com um espírito comovido por todas as imagens do mundo, que ele transforma em poemas e histórias, nesse homem irrequieto há um músico maravilhoso, misto de Chopin, Debussy e algum vago fazedor de canções vividas. O seu livro de versos, *Jardim das confidências*, no qual cada palavra é uma carícia lenta, nevoenta, apareceu meses antes dos volumes de contos: *A casa do gato cinzento* e *O crime do estudante Batista*. Entretanto, para quem leu um e outro, a impressão é de que os contos nasceram antes dos versos, apesar de escritos depois... As coisas ditas em prosa têm evidência maior. A pequena humanidade que se agita dentro da *Casa do gato cinzento*, e nas novas páginas, descobre o poeta, em viagem por almas estranhas (seriam tão estranhas?), ansioso, embora não pareça, por encontrar a alma que, finalmente, encerrou no seu próprio destino, cantando...

Falei em Chopin, em Debussy, nalgum vago fazedor de canções vividas, para definir (não é este verbo, com certeza), o sr. Ribeiro Couto. Pode acontecer que não me compreendessem. Eu explicaria melhor, se tivesse aqui um piano, um pianista e os possíveis leitores em torno de mim.

O sr. Ribeiro Couto compreendeu. É o suficiente. Alguém a quem, por acaso, escapou o sentido do que eu quis dizer, há de achar que não inventei nada, se ouvir a dor imensa de qualquer acorde de Chopin, o desejo de não repetir que há em Debussy as triviais tristezas ou alegrias, triviais e nem de todos sabidas, daquelas palavras, daquelas cadências que fizeram dos pobres e dos amorosos de Paris símbolos e exemplos eternos...

## MANEIRAS MÁS

A polícia, que também é de costumes, resolveu proibir o *Ba-Ta-Clan* nas praias. Os delegados tiveram ordens sérias e, seriamente, as passaram adiante. Copacabana, por exemplo, ganhou, de repente, uma vigilância extraordinária. Tão extraordinária, que diversas senhoras e senhorinhas protestaram contra a falta de civilidade dos guardas-civis, delirantes no cumprimento do dever. Esses homens fardados colocavam-se entre o passeio e o mar, na areia sem preconceitos, e quando as banhistas se aproximavam, envoltas em capas de seda ou de toalha, iam a elas, com voz zangada, intimando-as a mostrarem de que jeito estavam por baixo. E depois, dentro d'água, os corpos não podiam mover-se em liberdade, nadar ao gosto de cada um, servir-se das ondas como bem desejassem. Os postos, em frente do oceano amável, perderam a alegria. Pareciam, mal comparando, salas de restaurante vegetariano...

Aqui muito em segredo, e com licença do estado de sítio, não há democracia que desculpe tamanha falta de boas maneiras...

## CONTRA A LITERATURA CHAMADA IMORAL

Certas coisas não deviam acontecer em certas paisagens... Apenas ia eu convalescendo da melancolia com que me atacou a falta de inteligência da nossa polícia, decretadora de trajes para as banhistas de Copacabana, recai terrivelmente... Sempre a polícia. Agora, é a de Veneza. Veio num telegrama, há dias, que a polícia de Veneza, “continuando a sua cruzada contra a literatura imoral, confiscou os livros de Maupassant, Daudet e Oscar Wilde”. Já ali anda a influência do caso de *La garçonne*\*; em Paris. Ora, o romancista de *La garçonne* foi expulso da Legião de Honra, menos pelo motivo apresentado: de ofender a mulher francesa, do que pelo ciúme dos colegas comendadores, invejosos do êxito de venda obtido por Victor Margueritte, enquanto as obras de suas excelências encalhavam nos editores. E em Paris, depois da Revolução, das condenações de Flaubert e Baudelaire, da Comuna e outras tolices, tudo se permite... Mas, em Veneza... Imorais, Maupassant e Daudet? Maupassant, que tanto tem distraído pessoas até graves, infensas a qualquer leitura além da que lhe fornecem os jornais; estilizador de fatos da vida quotidiana, sem a mínima importância! Daudet, que, apesar da ironia, agrada de modo excepcional aos devoradores de traduções! Maupassant morreu doido, por excesso de trabalho. Daudet morreu rico, pelo mesmo excesso. Imorais, esses inocentes? Pobre da polícia de Veneza! Tão mal informada... As más informações sobre os dois novelistas não melhoraram sobre o último confiscado. A biografia de Oscar Wilde, distribuída ao grande público, espalha pormenores excitantes... Por causa de tais pormenores, ele respondeu a processo e ganhou da justiça inglesa uma pena de trabalhos forçados. Cumpriu-a toda. E em seguida foi morrer, quase mendigo, em terra estrangeira... Isso não impediu que o mais fino dos homens desse um clarão de maravilha à glória da pátria que o desgraçou. A polícia da cidade dos doges ignora decerto, que, diante do juiz disposto a mandá-lo para o cárcere, perguntado se era o autor de uma brochura escandalosa, Oscar Wilde respondeu, passando os olhos por algumas páginas: — “Não sou eu o autor deste livro. Não por que o ache imoral. Mas, por que é mal escrito”. A polícia de Veneza, como em geral as polícias do mundo inteiro, ignora principalmente o que precisava saber...

---

\* Moça ou mulher com modos masculinos. (N. do E.)

## FESTAS DE ANTIGAMENTE

— Violas soavam. Subiam loas para as estrelas. Os desgraçados, ao barulho dos batuques, entre chulas e toadas, não pensavam nas suas desgraças. A ceia da noite bela matava a fome das outras noites. À hora sagrada, quando o galo cantava, as pequenas capelas e as grandes matrizes se enchiam. As criaturas, no silêncio das almas, rogavam ao Senhor aquilo que para cada uma havia de ser a felicidade. Nas fazendas, nas cidades, pelos salões das residências ricas, na choupana dos pobres, tristeza era então uma palavra sem dono... Ao longo das ruas, ao luar, flautas, guitarras e cavaquinhos iam espalhando polcas e acompanhando modinhas. De 24 de dezembro a 6 de janeiro, o céu descia à terra... Hoje, o Natal é uma comemoração de igrejas e lojas de brinquedos. O dia de Ano Bom é um dia semelhante aos outros. E ninguém já se interessa pela mirra, pelo incenso e pelo ouro dos reis Gaspar, Melchior e Baltasar, reis sem exército, reis sem importância... Ah! festas do meu tempo! O senhor não pode imaginar como eram boas! e tão sinceras, tão ingênuas! Em 1867...

— Mas, meu amigo, foi há tanto tempo... Vamos mudar de assunto? Quer um cigarro?

## NAS ÚLTIMAS HORAS

O poeta Leopardi, que olhava a vida com olhos dolorosos, imaginou um diálogo entre um vendedor de almanaques e um transeunte, ao fim de um velho ano. O vendedor apregoa a sua mercadoria. O transeunte passa, detém-se, pergunta-lhe:

- Acredita, você, que o novo ano seja feliz?
- Certamente, meu senhor.
- Muito feliz? Como o ano que termina?
- Mas, muito mais!
- Como o ano anterior?
- Muito, muito mais!
- Como que ano, então? Não desconfia que o ano novo se assemelhe a algum dos últimos anos?
- Não... francamente, não...
- Quantos anos novos viu passar, desde que vende almanaques?
- Ora, eu lhe digo... Vinte.
- Com qual desses anos quereria que se parecesse o ano que vem?
- Eu?... Não sei...
- Não se recorda de nenhum ano feliz?
- Por Deus, que não!
- Entretanto, a vida é uma boa cousa, não é?
- Cada qual sabe...
- Não desejaria reviver esses vinte anos, e mesmo os outros que passaram depois do seu nascimento?
- Ah! meu caro senhor! se fosse possível!...
- Embora tivesse que reviver a vida já vivida, com os antigos prazeres, os antigos desgostos?
- Ah! isso, não!
- E que outra vida ambicionaria reviver? a minha? a de um príncipe? Diga. Não pensa que eu, o príncipe, qualquer criatura, nós responderíamos exatamente como você? Não julga que, levados a reencetar a própria existência, todos se negarão?
- Na verdade...
- Assim, pois, sob tal condição, você não concordaria?
- Nunca!
- Que vida lhe apetece?
- Sei lá... uma vida... uma vida que Deus me confiasse, sem exigências...

— Uma vida ao acaso, da qual nada saberia... uma vida como o ano que vai surgir?

— Justamente.

— Eu, também; eu e todo mundo: sinal de que, até hoje, o destino nos maltratou. Sentimos que a soma do mal é sempre maior que a do bem... Ninguém consentiria em nascer segunda vez, para repetir... A vida a que chamamos boa não é a que conhecemos; não é a que se foi, é a que virá. No novo ano, o fado vai, enfim, tratar-nos favoravelmente, a você, a mim, a todos. No novo ano, vai iniciar-se a vida venturosa...

— Esperemos.

— Dê-me o seu mais belo almanaque.

O transeunte afasta-se, desaparece na multidão. O vendedor de almanaques continua a apregoá-los.

Há, talvez, um consolo para o desconsolo dessas palavras: aquelas outras que escreveu Renan, pouco tempo antes de morrer: “Se eu houvesse de recomeçar a vida, queria que ela fosse a mesma, de cujo termo agora me aproximo... a mesma, sem mudança nenhuma. Bendito seja Deus!”

Bendita seja a vida!

## DIÁLOGO RÁPIDO PARA ACABAR

- Você não leva nada a sério.
- Levo a sério muitas coisas, meu amigo...
- Quais? Diga lá.
- Todas as que o senhor reúne nesta pobre palavra: *nada*. São muitas, acredite.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Obras do Autor

Primeiras edições:

- Degenerada* (poesia). Porto Alegre, Livraria Americana, 1909.  
*Casa desmoronada* (poesia). Porto Alegre, Livraria Americana, 1909.  
*Elogio da bruma* (poesia). Porto Alegre, Livraria do Globo, 1910.  
*Legenda da luz e da vida* (poesia). Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas da Liga Marítima Brasileira, 1911.  
*Um sorriso para tudo* (crônicas). Rio de Janeiro, Tipografia da Revista Fon-Fon, 1915.  
*A Olavo Bilac* (discurso). Porto Alegre, Livraria do Globo, 1916.  
*Lenda das rosas* (poesia). Porto Alegre, Tipografia Apolo, 1916.  
*O outro lado da vida* (crônicas). Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, 1921.  
*A cidade mulher* (crônicas). Rio de Janeiro, Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.  
*Cocaina...* (crônicas). Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, 1924.  
*Noé e os vestros* (teatro de revista). Rio de Janeiro, 1926 (não publicada).  
*A boneca vestida de arlequim* (crônicas). Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, 1927.  
*Adão, Eva e outros membros da família...* (peça de teatro). Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, 1929. Esta peça, escrita em 1925, apareceu aos pedaços na revista *Para Todos...*, de 1925 a 1926, e na revista *Ilustração Brasileira*, números de março e abril de 1928.  
*Circo...* (poesia). Rio de Janeiro, Pimenta de Melo, 1929.  
*Caixinha dos três segredos* (Coisas de crianças. Poesia). Rio de Janeiro, Oficina Vilas Boas, 1933.  
*O Brasil continua...* (crônicas). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933.  
*Tempo perdido* (crônicas). Rio de Janeiro, José Olympio, 1936.  
*Porta aberta* (crônicas). Curitiba, Editora Guaíra, [1944].  
*As amargas, não...* (lembranças). Rio de Janeiro, Editora Lux, 1954.  
*O dia nos olhos* (crônicas). Rio de Janeiro, Editora Lux, [1955].  
*Havia uma oliveira no jardim* (lembranças). Rio de Janeiro, Jotapê, Livreiro, Editor, 1958.  
*Uma pensão no paraíso* (peça de teatro). (1955?). Inédita.  
*Cada um carrega seu deserto* (crônicas). 1964. Inédito.

Edições mais recentes:

- Adão, Eva e outros membros da família*. Porto Alegre, IEL, 1989.  
*As amargas, não...* (lembranças). Porto Alegre, IEL, 1989.  
*Circo*. Porto Alegre, IEL, 1989.

Bibliografia

2. Sugestões de leitura sobre o Autor

ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 1972.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo, Cultrix, 1979.

CASTRO, Moacir W. de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989

DORIA, Gustavo A. *Moderno teatro brasileiro*. (Crônica de suas raízes). Rio de Janeiro, SNT, 1975.

\_\_\_\_\_. O teatro é a Semana de Arte Moderna, *Cultura*, Brasília, MEC, ano 2, nº 5, mar. 1972.

FINATTO, Adelar. *Alvaro Moreyra*. Porto Alegre, Tchê!, 1985.

LARA, Cecília de. *De Pirandello a Piolim: Alcântara Machado e o teatro no modernismo*. Rio de Janeiro, INACEN, 1987.

LEÃO, Múcio. *Discursos acadêmicos (1956-1961)*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, s.d. t. V, v. XV e XVII (contém também o discurso de posse de Alvaro Moreyra).

LEITE, Luiza Barreto. Não, Alvinho, as Amargas não prometo. In: *A mulher no teatro brasileiro*. Rio de Janeiro, Edições Espetáculo, 1965.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. 4 v.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. Rio de Janeiro, MEC/DAC/FUNARTE/SNT, s.d.

MARTINS, Dileta A. P. Silveira. *As faces cambiantes da crônica moreyriana*. Porto Alegre, PUCRS, 1977 (mimeo).

\_\_\_\_\_. *História e tipologia da crônica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, PUCRS, 1985 (mimeo).

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1977-81. 6 v.

\_\_\_\_\_. *O modernismo (1916-1945)*. São Paulo, Cultrix, 1969.

*Bibliografia*

- MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha* (Estudo clínico dos anatólios). São Paulo, Perspectiva, 1977.
- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Brasília, CFC/INL, 1973. 2 v.
- NUNES, Mário. *Quarenta anos de teatro*. Rio de Janeiro, SNT, 1956. 4 v.
- PRADO, Décio de Almeida. O teatro. In: *O modernismo*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O teatro brasileiro moderno*. São Paulo, Perspectiva / Editora da USP, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.
- SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro, INL, 1960. t. II.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Literatura gaúcha*. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, L&PM, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Alvaro Moreyra*. Porto Alegre, IEL, 1986. (Letras Rio-Grandenses, 5).

## COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA

1. *A era das demolições / Habitações populares*, de Oswaldo Porto Rocha e Lia de Aquino Carvalho.
2. *Aforamentos: inventário sumário*, elaborado por equipes do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.
3. *Rio de Janeiro: cidade e região*, de Lysia Bernardes e Maria Therezinha de Segadas Soares.
4. *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio.
5. *O Garatuja*, de José de Alencar.
6. *História da cidade do Rio de Janeiro*, de Delgado de Carvalho.
7. *As mulheres de mantilha*, de Joaquim Manuel de Macedo.
8. *Diário do hospício / O cemitério dos vivos*, de Lima Barreto.
9. *Um Rio em 68* — coletânea de fotos e depoimentos sobre acontecimentos políticos no Rio de Janeiro, no ano de 1968.
10. *Desabrigo*, de Antônio Fraga.
11. *Pereira Passos: um Hausmann tropical*, de Jaime Larry Benchimol.
12. *Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia*, de Evelyn Furquim Werneck Lima.
13. *A mulher e os espelhos*, de João do Rio.
14. *Mistérios do Rio*, de Benjamim Costallat.
15. *Bom-crioulo*, de Adolfo Caminha.
16. *O mundo de Machado de Assis*, de Miécio Tati.

**RIO** Prefeitura  
da Cidade

Secretaria Municipal de  
Cultura, Turismo e Esportes

23-3

ISBN 8